CONTEMPORANEA

(Tarsila do Amaral: «Quadro»)

PORTUGAL — BRASÍL
IBERO — AMERICANISMO
A R T E

3.ª SÉRIE
N.º 2

Preço: Portugal, 10$00; Brasil, 5 mil réis

Contemporanea

ANO 1.º — VOLUME 1.º

Revista feita expressamente
*** para gente civilizada ***

JORNAL
1926

3.ª SÉRIE — N.º 2

Revista feita expressamente
*** para civilizar gente ***

A iniciativa do municipio e a dos cidadãos resolve todas as questões locaes com o mais alto critério administrativo, dentro da mais lógica systematização de idéas. Burgueses, negociantes, mercadores, os homens das classes dirigentes de Amsterdam, solidamente educados na maxima parte, muito d'elles superiormente instruidos, comprehenderam perfeitamente que é um problema scientifico o problema da riqueza: que o desenvolvimento do comercio se baseia principalmente para as sociedades modernas no desenvolvimento do saber, que as transações do negócio procedem presentemente e por toda a parte dos grandes progressos das industrias creadoras; e que a sorte das industrias em toda a Europa depende hoje directamente do grau de desenvolvimento artístico de cada povo, do nível da sua instrução, do bem estar das classes trabalhadoras, da sua da evolução intelectual, do progresso da crítica, do aperfeiçoamento geral do gosto publico.

Daí vem que o grande comercio de Amsterdam, em vez de desgastar unicamente a si mesmo pelo processo autopofágico das regulamentações aduaneiras e das acumulacões de aparelhos bancários, pensa em augmentar a sua prospriedade, e julga sabiamente servir o futuro, creando escolas, fomentando exposições artísticas, fundando galerias de arte, enriquecendo e multiplicando os museus, semeando os grandes jardins de recreio, plantando os grandes parques de luxo, — perfeitamente convictos d'esta grande verdade económica e social: — que para o enriquecimento dos povos no regimen do trabalho moderno a noção do *bello*, como antigamente se dizia, é de todas a mais *util* e a mais *necessária*, e que só pelo ensino artístico se chega á prosperidade industrial.

RAMALHO ORTIGÃO

A HOLLANDA

Pag. 119

CAPITULO AS CIDADES

OS NOVOS

De uma entrevista dada ao "Diario de Noticias" de 28 de Junho, pelo Senhor coronel José Vicente de Freitas, presidente da Comissão Executiva da C. M. L. que aplaudimos calorosamente, e que representa há muito a nossa maneira de ver

— MAS, no caso de V. Ex.ª tomar posse do seu cargo?

— Nesse caso, tenho delineado um programa vasto, que lhe sintetiso nestas palavras apenas: «embelezamento de Lisboa». Bem desejaria ser prestavel, util a Lisboa, que, se não é minha terra, lhe quero como tal.

E explica-nos. A capital sempre lhe mereceu reparos, como pobre doente, que precisa de remedios que a reanimem e alindem. Ainda ontem, ao darmos algumas notas biograficas, a sublinharem o retrato do sr. coronel Vicente de Freitas, apontámos como trabalho seu, muito apreciado, uma excelente planta da cidade, o que prova conhece-la a palmo e saber dos seus erros de urbanisação.

— Esta frase «embelezamento da cidade» tudo compreende ele, os principais e mais urgentes problemas a resolver, tais como...

E enumera:

— O da iluminação. Lisboa é uma terra pessimamente iluminada. Uma boa iluminação é o meio policiamento da cidade, suprimido. Ha que enfrentar de vez e resolver este assunto especial.

— O dos arruamentos e construções urbanas. *Houve grandes erros de traçado.* As exigencias do serviço exigem reformas, *arranjos de casa.* Ha milhares de automoveis e taxis em Lisboa. Já não ha lugar para os pôr, porque não ha praças. *Depois, as casas tem sido construidas a trouxe-mouxe, sem proporções, sem planos de conjuncto que é preciso estabelecer. Já se não podem deitar predios abaixo, nem modificar-lhes as feias fachadas. Mas pode-se legislar para o futuro, prever, estabelecer doutrina insofismavel.*

— Outro problema é o da higiene da cidade. Posturas a impor inflexivelmente. *Lisboa não se lava, não se limpa.* Urge construir balnearios e para isso temos primeiro de acertar a questão das aguas, questão fundamental.

— Ainda outro assunto a tratar, *é o dos jardins.* Ha alguns. *Mas são precisos muitos e grandes. Lisboa precisa desses pulmões, para seus enfermos, purificação do ar, sanidade perfeita.*

Uma pausa. Um reparo. Uma verdade:

— Tenho viajado, tenho visto. *Nos outros países, de tudo quanto é mau, inferior, fazem bom e belo. Nós temos procedido ao contrario. Terra excelente, formosa, belesa natural e incomparavel, que não aproveitamos e estragamos.* Não deve ser assim. Roma e Pavia não se fez num dia. *Mas é sempre a altura de começar.*

Uma pregunta nossa:

— A respeito do pessoal da Camara. Tenciona V. Ex.ª fazer ou apoiar reduções que se apontem.

— Só depois de estar na Camara, se lá fôr, é que lhe posso dizer. Ha que fazer economias; possivelmente córtes. Mas tem de ser feitos devagar, seguindo normas de justiça, olhando para alguns interesses criados. Nêste particular, entendo que é preciso empregar mão forte, mas calma...

E para terminar a conversa e as indicações dadas:

— A primeira coisa que farei e que reputo urgente, é contratar Forestier, fazer vir a Lisboa esse grande arquitecto das cidades, especialista em metodos de urbanisação.

A obra de Forestier está patente em Paris, em Madrid, em Salamanca, etc. Dessas cidades falámos largamente, comparando se com Lisboa, sonhando uma Lisboa moderna, civilizada, pulcra, o que leva o sr. coronel Vicente de Freitas a afirmar-nos por fim:

— Ha que trabalhar por uma Lisboa limpa, digna do seu renome e da sua esplendida situação europeia, capital e porto privilegiado. Nisso me empenharei. E, dentro ou fora da Camara, por isso, como até agora, lutarei com todo o meu empenho e todas as minhas forças.

N. R. — O itálico é nosso.

A *Contemporanea* propõe ao Ex.mo Sr. Ministro da Instrução:

1.º O imediato afastamento do actual director geral de Belas Artes, substituindo S. Ex.ª por dois, trez ou mais membros, que formem uma direcção geral, e da qual faça parte o director desta revista.

2.º Que o actual director geral de Belas Artes, mesmo afastado, continue recebendo os seus vencimentos.

3.º Que a direcção que substitua S. Ex.ª não tenha vencimento algum.

Teremos assim que, estando o Senhor Director Geral de B. A. habituado a não fazer nada, e a receber, não poderá extranhar a sua nova situação, o mesmo sucedendo ao director desta revista, que está habituado a trabalhar, e a não receber nada.

FUÉ de las fiestas citadas quizá su nota más conmovedora la presencia en ellas de una figura admirable: la del almirante Gago Coutinho.

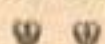
. . . .

Fruto de una larga preparación científica y de un desprendido y generoso valor personal, él y el malogrado Sacadura Cabral, discípulos espirituales del Infante de Sagres, se lanzaron a la ventura de renovar en una ruta inédita los laureles de Lusitania. Por esto, la presencia

del almirante portugués, entre quienes acompañaban a nuestro Soberano en aquel inolvidable momento, tenia la doble significación del reconocimiento de méritos excepcionales y la de querer reanudar por la España de Alfonso XIII aquella comunidad heroica y civilizadora que en el siglo XV reveló a Europa el desconocido planeta de que formaba parte. Que no nos cansaremos nunca de repetir, portugueses y españoles, el que, gracias a nosotros, a nuestro esfuerzo, aunado durante cien años nada más, se debio el descubrimiento del mundo, reducido antes de nuestra maravillosa epopeya a limites tan exiguos, que, excepción hecha del oeste del Asia y del norte de Africa, sólo sabían los europeos, y esto muy vagamente. de la existencia de otras tierras gracias a Marco Polo.

. . . .

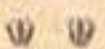
Descubridores de todas las rutas del mar, los portugueses y los españoles reanudaron en 1923 su vieja fraternidad viajera; pero esta vez por los invisibles caminos del aire. Al viaje de Coutinho y de Cabral sucede el del avión «Plus Ultra», y casi sin pérdida de tiempo el de la escuadrilla «Elcano», a las Filipinas. Por todo esto, consideramos como una idea felicísima, hidalga y cordial la invitación que se hizo al almirante portugués, que ya en el último tercio de su vida, con los cabellos grises y la mirada fatigada y llena de visiones luminosas y lejanas, pronunció delante del Rey de Castilla palabras tan ungidas de emoción señoril y sugeridora, que sonaron en los oídos españoles como si viniendo del fondo de aquella historia muerta tuviese la virtud de anunciar un alba nueva y triunfal para las dos naciones hermanas, que supieron desangrarse en aras de um ideal y en el ejercicio de una empresa que no ha tenido rival en la historia de los hombres.

El Conde de Santibañez del Rio

POR lapso, publicamos no último número em horstexte um desenho de Paim, sem reproduzirmos a seguinte dedicatoria que está escrita no original: *Ao Almada Negreiros, justo orgulho da Arte portugueza contemporanea, offerece o grande admirador Paim.*

VOLTOU a fixar residencia em Lisboa o nosso intimo Amigo Homem-Cristo, filho.

O ilustre publicista, que em Paris tem uma situação de excepcional destaque nos meios intelectuais pode orgulhar se de ter conquistado junto da aristocracia francesa e dos meios políticos uma situação que nenhum estrangeiro alcançou na capital espiritual da civilização contemporanea.

O seu nome e a sua atividade reservam-lhe um tal lugar entre os intelectuais europeus que se nos afigura inútil fazê-lo notar.

Esperamos que em Portugal se lhe preste a homenagem devida a quem tão bem tem servido os altos interesses da sua terra.

«CONSIDERANDO os sinceros sentimentos de amizade que reciprocamente nutrem as nações portuguesa e espanhola, sentimentos derivados não só da vizinhança e afinidade de raça como de solidos vinculos, tais como a Historia, a mentalidade, as descobertas que deram á civilização um novo mundo, vinculos que naturalmente impelem a uma intima aproximação, sem exclusão do respeito mutuo pelas suas soberanias, e ás relações fraternais entre os dois paises, como ultimamente manifestaram os povos espanhol e português no entusiasmo e interesse que tomaram pelas viagens aereas de Gago Coutinho e do malogrado Sacadura Cabral e dos arrojados tripulantes do «Plus Ultra»:

Considerando ainda o alto apreço em que foi tida pelo Governo da Republica a recente prova do desejo manifestado pelo Governo de Sua Majestade o Rei de Espanha de estimular a cordealidade de afectos e solidariedade de interesses entre os dois povos irmãos, elevando á categoria de embaixada a sua legação em Lisboa;

Usando da faculdade que nos concedem os artigos 38.°, § 3.°, e 47.°, n.° 3.°, da Constituição Politica da Republica Portuguesa:

Havemos por bem, de harmonia com a resolução em conselho de ministros, decretar o seguinte:

Artigo 1.° E' elevada á categoria de embaixada a legação da Republica Portuguesa em Madrid.

Art. 2.° Fica revogada a legislação em contrario».

ESTEVE em Lisboa, de passagem para S. Paulo, depois de uma viagem pela Côte d'Azur, M.me Olivia Penteado.

Durante as breves horas que esteve em Lisboa foi hospede dos nossos colaboradores Fernanda de Castro e António Ferro, que lhe ofereceram um almoço intimo, para o qual convidaram o ilustre escritor Homem Cristo, filho, e o Director da *Contemporanea*.

O grupo da *Contemporanea* ofereceu á ilustre visitante uma taça de champagne, no Salão nobre do Restaurant Tavares.

Inscreveram-se: Fernanda de Castro, Sára Afonso, Terêsa Leitão de Barros, Verginia Vitorino, Almada Negreiros, dr. Alves de Azevedo, Amilcar de Barros Queiroz, António Botto, António de Certima, António da Costa, António Ferro, António de Navarro, António de Séves,

António Soares, Augusto Santa-Rita, Ayres Pinto da Cunha, Carlos Queiroz, Carlos Viana, dr. Celestino Soares, Eduardo Malta, Eduino de Móra, Fernando Davide, Gil Vaz, Homem-Cristo, filho, dr. João de Castro Osório, Jorge Barradas, José Bruges de Oliveira, José Osório de Oliveira, José Pacheco, dr. Luís de Castro Norton de Matos, Luís de Montalvor, dr. Marcello Mathias e capt. Menezes Ferreira.

A ilustre senhora, em cujos salões de São Paulo se reúne a brilhante mocidade modernista do Brasil tem uma galeria em que juntou os mais avançados artistas plásticos do mundo contemporaneo.

Teve s. ex.ª a amabilidade de convidar, em nome dos intelectuais paulistas, o director da *Contemporanea* para uma visita de propaganda da revista e aproximação entre os artistas das novas gerações portuguêsa e brasileira. Constituirá essa viagem um dos mais interessantes objectivos da acção ibero-americanista desta revista, pelo que o convite dirigido a José Pacheco representa um alto serviço à obra em que se empenham os nossos amigos de Portugal, do Brasil e de Espanha e da América Espanhola

M.me Penteado manifestou o seu desejo de visitar demoradamente o nosso pais, o que fará no próximo inverno.

A *Contemporanea* aguarda essa oportunidade para que os seus amigos signifiquem à Excelentissima Senhora Dona Olivia Penteado a alta consideração que tributam ao seu gentilissimo espirito.

☙ ☙

CELEBRANDO o trigéssimo dia do falecimento de Tomé de Barros Queiroz, que foi um dos mais respeitados vultos de prestante cidadão, e que sempre honrou a *Contemporanea* com a sua valiosa amizade, mandou o seu Director rezar uma missa a grande instrumental, na Igreja de São Domingos, em Lisboa.

Foi oficiante Sua Excelencia Reverendissima o Senhor Bispo de Trajanópolis, que gentilmente se associou à homenagem que a Barros Queiroz quizeram prestar os nossos amigos e seus admiradores.

☙ ☙

COMEMORANDO o aniversário da Independencia de Cuba o Ministro desta República em Lisboa, o nosso colaborador Antonio Iraízoz e sua Excelentissima Esposa, ofereceram no Hotel Avenida Palace uma recepção, seguida de baile.

Assistiu o Governo Português, Corpo Diplomático e inúmeras pessoas das relações dos ilustres Ministros.

A *Contemporanea* fez-se representar pelo escultor António da Costa e pelo poeta Gil Vaz.

O IBERO-AMERICANISMO

DEPOIMENTOS QUE EM PORTUGAL O JUSTIFICAM

SOU um velho admirador do Rei Afonso XIII. Estamos a par das suas intenções no chamado bloco ibero-americano. Essa política, prosseguimo-la. A Exposição Ibero-Americana de Sevilha iremos de alma e coração, auxiliaremos em tudo as aspirações do tratado de comercio luso-espanhol.

Vizinhos e amigos da Espanha e firmes aos nossos direitos mútuos, nunca uma amizade luso-espanhola teve mais sinceros defensores. A Espanha tem a sua política interna, nós a nossa. Mas no campo internacional, onde os nossos obectivos são identicos, ligados estaremos sempre.

General
GOMES DA COSTA
Presidente do Ministério
e Ministro da Guerra

☙ ☙

DEVEMOS continuar as nossas relações de interesses e de sentimentos com a nação vizinha e irmã.

Devemos procurar, atravez do Atlantico, estreitar, em acordos úteis, as nossas amigaveis relações históricas com o Brasil.

Comandante
MENDES CABEÇADAS
Antigo Presidente do Ministério
e Ministro do Interior

MAIS um mês passou sem que possamos dar conta dos trabalhos da Comissão Portuguesa de Cooperação Intelectual, de cuja misteriosa ou oculta actividade faremos, logo que seja possivel, o necessário comentário.

Insistimos em perguntar se ela — tal como funciona e dentro das bases por que se rege — corresponde ás caracteristicas impostas pela S. D. N., ou se mais se parece com uma associação de classe de quaisquer capelas literárias.

E' seu Presidente o Dr. Júlio Dantas e Secretário o Sr. António Sérgio.

☙ ☙

A *Contemporanea* saúda S. Ex.ª o Senhor Dr. Bernardino Machado que, com alto espirito civico, renunciou ao lugar de Presidente da República, depois de, em bem dificil momento, ter prestado mais um serviço à Nação.

OS PRIMEIROS

lenta e laboriosa a construção da sciência, seguindo-se aos impulsos da intuição e sendo fruto dêles seus acertados caminhos. Não nos tem de surpreender, portanto, que a doutrina íberoamericana ande dispersa e as suas formulas mais expressivas — como as proclamadas em La Rábida — não sejam senão o esboço de uma orientação definida, que só com porfiados esforços se alcançará.

Estamos no periodo inicial dessa política e em bem restrita materia se conhece concretamente a realização que se pretende atingir, não havendo mesmo aquela coesão que pode determinar uma linha directriz comum.

Com o *Breve comentario à politica íberoamericana*, passando em revista a actividade propriamente política desse movimento, tive ocasião de caracterizá-lo, consoante a corrente que se tem por mais importante, no século que corre.

Prosseguindo no estudo que com êle encetei, hei-de sucessivamente tratar dos problemas, que maior urgência recomendam, dentro dessa política, detendo-me no exame das instituições íberoamericanistas e dos actos internacionais dos estados interessados. Entre as primeiras, inclúo o *Colegio Mayor* e a *Federación Universitaria*, que constituem dois factores essenciais da vida mental, por ser nelas que teem sua séde o movimento didático e a acção corporativa dos estudantes. Entre os segundos, referir-me-ei à Exposição de Sevilha, ao Congresso de La Rábida, ao tratado de comercio com a Espanha, ao tratado com o Brasíl, às relações com a America do Norte, à nossa representação diplomática na América Espanhola, à nossa organização consular em toda a America e na Espanha, aos incidentes de fronteira on de zonas de soberania, ao intercâmbio universitário e à aproximação e expansão intelectual, de todos os quais tem que ser conseqüência imediata a nossa política geral de emigração, de colonização, de relações financeiras e de relações culturais.

E' certo que o estudo dêsses problemas nos leva a considerar simultaneamente o capítulo da política interna ou da vida nacional que lhes corresponde; e que tem de se optar entre a consideração teórica da organização portuguesa, incluíndo nela a possibilidade de emenda das nossas instituições deficientes, e a situação real das nossas cousas, ou debeis tendências que surgem, num ou noutro campo, das quais se possa esperar mais inteligente realização.

Mas estes estudos prendem-se com a orientação íberoamericanista da *Contemporanea*, cujo pensamento representam, e porisso teem de acompanhar aquelles que maior avanço tiverem dentro de tal política, procurando que as instituições portuguesas sigam paralelas com as estranhas, e que para cada nova modalidade se aproprie em Portugal o instrumento conveniente.

Confiando nos homens doutos que teem lugar nos centros da sciência, no nosso país, esperamos que deles venha a expontânea adesão ao movimento, e que cada núcleo corrija os próprios erros, e se apreste para a concorrencia, mantendo os altos créditos de que gosa o valor nacional.

A política iberoamericana tem de tomar autoridade na colaboração de respeitaveis cidadãos, e criar fortes raizes na razão dos homens e na consciência das nações interessadas, indo daquela para esta pelos sábios e adequados actos da política de

estado. Tudo quanto se faça fóra desta ordem natural é esforço inútil e, as mais das vezes, nocivo.

A primeira condição de um alevantado espírito que arraste a colectividade é a exacta conjunção dos pensadores com os comuns. Creio bem que esta obra íberoamericana se destina a preparar a hegemonia civilizadora dos povos provindos da Hispânia, que pela primeira vez se apresentarão no século XX como uma corrente unida, integralmente definida na historia da civilização, a qual na época do Renascimento deu ao mundo, com seus agigantados passos, o primeiro assombroso ensinamento.

A hegemonia não vem de um salto, nem bruscamente se revela. E' obra lenta de seguro estudo e desfecho do persistente trabalho harmónico dos povos. Aos homens do escol cabe o primeiro papel; e a sua intuição, que os levou ao primeiro gesto ousado, em que ninguem reparou, foi o mais seguro índice da nova fonte de glórias pátrias.

Porisso, antes de entrar nos estudos especiais, é dever prestar homenagem àqueles que, com o seu esforço pessoal, animados apenas pelo desejo de viver a sua época e obedecendo a um imperioso impulso de alma, se meteram isoladamente a correr o mundo íberoamericano, construindo com suas mãos os mais sólidos padrões da realidade espiritual do movimento, e regressando á terra, não como filhos pródigos turbados da mágua de seu ingrato procedimento, mas com o coração repleto de venturas e o nome aureolado de louvores.

Foram êsses uns que, por vocação se encaminharam como aprendizes para os grandes centros de pensamento e da arte ibérica, como Ernesto do Canto e Guilherme Felipe, que em Madrid trabalharam com Júlio Antonio e de Sorolla, e já hoje com as suas obras originais marcaram lugar àparte na escultura contemporânea e na pintura portuguêsa; outros que, com a autoridade de seus nomes consagrados, se foram a outra metrópole erguer novas obras e capitanear novas hostes, como Malheiro Dias, no Brasil, e Ramón Gomez de la Serna, em Portugal; outros que, em breves visitas, marcaram brilhantemente o inicio do intercâmbio universitário e da aproximação intelectual, como os brasileiros Oliveira Lima e Cardoso de Oliveira, os espanhois Eugenio d'Ors, Perez d'Ayala e Gomez Baquero, o argentino José Maria Cantillo, os cubanos Iraizoz, Hernandez Catá e Edúino de Móra, em Portugal e os portugueses Eugenio de Castro, Joaquim de Carvalho, Leonardo Coimbra e Paulo Mereia, em Espanha; outros, escolhendo Portugal para a sua residência, como o espanhol Jorge Colaço e o brasileiro Sousa Pinto; outros, que a Espanha foram em missão scientifica junto dos mestres espanhois como Gomes Teixeira, Queiroz Veloso e Simões Raposo; outros, que, sentindo-se apertados pelas estreitas fronteiras da estética oficial foram a Espanha e ao Brasil alcançar um justo triunfo, como o nosso maestro Rúi Coelho; outros, que levam o seu amor pela civilização que surge ao ponto de pessoalmente contribuirem para a divulgação das obras da arte contemporânea, como Iraizoz que ao escultor português Antonio da Costa encomendou uma estátua, com que se adornará um jardim Público de Reglas, cêrca de Havana; e finalmente Fernanda de Castro e Antonio Ferro que foram em Espanha e no Brasil os melhores e mais bem acolhidos embaixadores das modernas correntes de arte de Portugal, oferecendo aos atentos admiradores desses paises o primeiro conhecimento das suas melhores obras.

Não são poucos os nomes que hoje se juntam nesta relação dos primeiros caminheiros e maiores artífices da nova ideia. E considerando que cada um deles excede em méritos a nomeada de que gosa, porque só com o decorrer dos anos terão do mundo ibérico o apreço que em parte dele conquistaram, se verifica que temos tido nos centros da cultura portuguesa esplendente operosidade e que deles irradiaram nobres e brilhantes emissários, fóra aqueles que dentro desta política estabeleceram doutrina, como Coelho de Carvalho, Betencourt Rodrigues, Antonio Sardinha e outros, que no artigo anterior referi.

A actividade de todos, concentrada num instituto que se proponha presidir a formação cultural íberoamericana, parece-me de aconselhar. A *Contemporanea* lhes oferecerá as bases dêsse instituto e deles aguarda a sua maior acção, esperando que assim se complete a obra puramente universitária que a Espanha se reservou, creando o Colegio Mayor, marcando-se para Portugal um campo próprio, em que possa, com a sua capacidade e com o respeito que inspira, tomar posição primacial ao lado da outra nação mãe.

CELESTINO SOARES

Uma Cantiga em Vilancete

Ao Luiz de Montalvor — Para o seu espirito aristocratico.

Não me peças mais canções
Por que a cantar vou sofrendo:
Sou como as velas do altar
Que dão luz e vão morrendo.
Se a minha voz conseguisse
Dissuadir tua frieza,
E a tua boca sorrisse!
Mas sóbria por natureza,
Não a posso renovar,
E o brilho vae-se perdendo . . .
— Sou como as velas do altar
Que dão luz e vão morrendo.

ANTONIO BOTTO

APPROXIMAÇÃO IBERO AMERICANA

O QUE DEVE O BRASIL FAZER PARA COMPLETAR A SUA INDEPENDENCIA

CONFERENCIA REALIZADA NO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO, DE S. PAULO, PELO DR. SPENCER VAMPRÉ PROFESSOR DA FACULDADE DE DIREITO, DE S. PAULO [1]

HA cem annos apenas, a poucos passos daqui, na agreste, e hoje famosa Collina do Ipiranga, um principe portuguez arrancava do chapeu as cores lusas, e proclamava a Independencia do Brasil.

Não sem hesitações se mostrou D. Pedro, quer antes, quer depois do incidente, a que um subito arrebatamento o determinara, levado pelas noticias que lhe chegavam das Côrtes portuguezas, e pelos conselhos de José Bonifacio e da princeza Leopoldina.

IDEAES DO IMPERADOR

É que na mente do filho de D. João VI, se arraigara a idéa de suceder no throno lusitano e brasileiro, formando um grande imperio, que, á semelhança do napoleonico, pesasse na balança do mundo, e tirasse da America e de Portugal e Colonias os elementos de uma immensa organisação politica.

D. João, ao transportar para o Brasil a Côrte, já erguera, em nome da nação portugueza seu protesto contra as invasões do Corso, «do seio do novo imperio que ia criar», e assim a politica do Regente inspirava os movimentos do filho, com o mesmo sonho de grandeza, a mesma aspiração que perpetuaria, através dos seculos, o formidavel imperio colonial portuguez.

Supponhamos que a independencia do Brasil não se tivesse dado; que no Ipiranga não escoassem os accentos arrebatados do principe, dos cavalleirosdo seu quesito; que a scena empolgante, que o pincel de Pedro Americo estampou para sempre em nossa historia, se apagasse, como uma visão passageira e fugaz.

Supponhamos que as duas corôas de Portugal e do Brasil, estreitamente unidas pelas dynastias, estabelecessem um regimen constitucional monarchico, como o que, pouco depois da nossa independencia, se instaurou além mar; que, aquem e além do Atlantico, dois principes bragantinos sopesassêm, nos seus sceptros, as duas grandes patrias unidas e irmans, — pela organisação politica, como o são até hoje pela mais carinhosa communhão de sentimentos, de aspirações e de ideas.

Imaginemos o que teria sido a nossa historia no primeiro e no segundo reinado, : e ainda o que seria ella na Republica brasileira e portugueza, como os surtos de progresso e de vida, que as instituições novas inspiravam na alma das duas grandes nações.

---

[1] O sr. Spencer Vampré é um dos mais ilustres e dos mais acabados mestres da Faculdade de Direito, de S. Paulo. Autor de muitos e valiosos trabalhos sobre a sociologia e jurisprudencia, a sua ultima obra é um grande *Tratado de direito commercial*, cujo ultimo volume, o 3.º foi ha poucos mezes publicado.

VANTAGENS DA UNIÃO LUSO-BRASILEIRA

Calculemos as vantagens de uma organisação politica, fundada na mais profunda sympathia dos dois povos, autonomos, mas irmãos; independentes, mas socios: livres, mas cooperantes. Computemos as consequencias agricolas, mercantis, maritimas, dessa cooperação: — Portugal, abrindo para a America a sua producção, e os seus portos europeus; — o Brasil, encontrando nas ilhas atlanticas portuguezas — nos Açores, em Cabo Verde, na Madeira, — as estações de sua navegação, as bases de sua defesa naval, os provimentos de carvão e aguadas.

A bandeira verde e vermelha de Portugal, em cujos symbolos se perpetua a epopéa de suas descobertas, e a bandeira verde e amarella do Brasil, que retrata as suas immensas riquezas vegetaes e mineraes, irmanadas para sempre.

De Portugal a gloria de seus grandes feitos, cantada pelo maior poeta epico dos tempos modernos, na lingua mais formosa, mais vibratil, mais cantante, mais limpida, mais culta, que jamais se ouviu sobre a face da terra — lingua que possue o sabor classico do idioma do Lacio, mas que traduz o temperamento aventuroso e navegante, guerreiro e heroico, crente e audaz dos lusitanos.

Do Brasil, os estos incoerciveis de uma nascente nacionalidade que se não deixa obsorver pelo estrangeiro, e que impõe a milhões de immigrantes os seus habitos, os seus costumes, as suas idéas, e essa linda lingua de Camões e de Vieira, que miraculosamente se estende do Amazonas, oriçado de florestas tropicaes, ao Rio Grande do Sul, varrido pelo frio dos pampeiros.

Do Brasil, as riquezas inenarraveis do seu solo, onde o ferro e o carvão dormem ainda o seu somno de lendas, á espera que um principe encantado os venha acordar; do Brasil, a flora feracissima, capaz de abastecer o universo inteiro, desde as traves rudes que formam os dormentes e as vigas mestras, até ás madeiras raras, mimos de arte que competem e sobrepujam as melhores da Europa e da Asia.

Do Brasil, a extensão desmesurada de suas lavouras, fecundadas pelo braço luso tão acostumado a manejar a espada, como o leme, e tão habil me rechassar o inimigo, como em arrotear o solo.

Do Brasil, em summa, as possibilidades fantasticas do seu presente e do seu futuro, e o ideal de glorias, que dorme no fundo de cada coração de brasileiro, e que, com a lingua e com a historia, herdamos de Portugal, aventureiro e sonhador.

IDEAES DE PAZ

Imaginemos agora o Brasil e Portugal, unidos nas mesmas tendencias de paz, de justiça e de ordem internacional, a estender sobre o Atlantico os seus navios pejados de productos industriaes e agricolas, e as suas bandeiras confederadas tremularem simultaneamente em todos os mares: — desde as rendilhadas costas do mar do Norte até ás planicies infinitas do Oceano Pacifico; desde o mar das Indias, povoado outróra de mysterios, até aos oceanos polares, reflectindo nostalgicamente a brancura de suas neves eternas.

Sonhemos a lingua de Vasco da Gama, resoando aos ouvidos de todos os povos pacificos, a lingua de Albuquerque, terribil e Castro forte, despertando, para a justiça e para o direito, as nações a quem a inveja e a cobiça instillam odios e intrigas internacionaes Figuremos as duas grandes Republicas hodiernas cimentando, na mais estreita amizade de irmans, os seus ideaes communs, os seus interesses communs, as suas glorias communs, Glorias, ideaes e interesses, cujos symbolos bemditos são esses genios, que se chamam Santos Dumont e Sacadura e Coutinho, e cujas investiduras para o infinito só fazem lamentar que não se possa mais alargar o universo, porque

SE MAIS MUNDO HOUVERA LÁ CHEGARAM

Ahi está, meus senhores, o que seria a união luso-brasileira, formando um só Imperio, ou uma só Republica, — ou que é o mesmo — duas republicas confederadas, estreitamente unidas pelos laços politicos, como sempre o foram pela mais terna, pela mais sincera, pela mais inalteravel amizade.

Ahi está o que seriam Portugal e o Brasil unidos, sulcando soberanos o Atlantico com a sua marinha mercante, e defendendo os vapores do seu commercio pela muralha de aço de seus navios de guerra.

BASES MERCANTÍS E MILITARES

De um lado e de outro, bases mercantís e militares, prodigiosamente semeadas pela Providencia: em frente ao Brasil a colonia portugueza de Angola, com o mesmo clima, com as mesmas producções do Brasil Central, e com um milhão e duzento e cincoenta e cinco mil kilometros quadrados; S. Paulo de Loanda quasi na mesma latitude da Bahia; o archipelago de Cabo Verde, a cinco dias de Pernambuco; Lisboa a dez dias do Rio de Janeiro; e esse rosario de ilhas que, desde os Açores ate Fernando Noronha, mostra-se a estrada natural das communicações entre Portugal e o Brasil, por via maritima, ou por via aerea, — estrada por onde transvoaram Sacadura Cabral e Gago Coutinho, e que ha de ficar eternamente fulgindo, na historia dos dois povos irmãos como uma via lactea que eternamente os ha de congregar e unir.

Abramos agora as azas á fantasia, e imaginemos o que serão as duas grandes nações em futuro bem proximo, se os seus governos souberem comprehender e realisar o que a geographia e a historia nos estão ensinando. Mas para que a lição seja mais fecunda comparemos o que somos agora, com o que seremos depois.

A zona immensa do litoral brasileiro torna o Brasil, entre os povos da terra, carecedor, como nenhum outro, de uma poderosa acção maritima, sem a qual o seu commercio internacional a sua independencia, a sua autonomia, a sua vida quotidiana, se tornarão, dentro em breve, impossiveis Ou havemos de nos reduzir a uma colonia estrangeira, com, ou sem apparencia de nação soberana e livre, ou entraremos resolutamente pelo Atlantico, a conquistar mercados, a esvasar para a Europa, para a Africa, para a Asia, para as Americas, os excessos da nossa producção.

HORIZONTES POLITICOS

Felizmente se nos anuncia, nos horizontes politicos, um governo que encara o problema da producção economica como o mais urgente, o mais grave, e mais vital para nós.

Lendo os discursos do illustre ministro de Fazenda, e a mensagem do eminente presidente da Republica, nenhum outro problema resalta mais vivo do que o da producção economica.

E' que os estadistas brasileiros comprehendem que a nossa independencia não está ainda completa; diremos mais, que a obra da independencia está periclitando, se um braço forte, uma cabeça livre de preconceitos, não assentarem as bases da producção nacional, organisando-a de modo permanente, e transformando, sob esta inspiração, a nossa cultura, os nossos representantes diplomatas, a nossa politica interna, a nossa vida diaria.

Cumpre que o Brasil se transforme numa vasta oficina de trabalho indefesso, e que o labor e a economia publica e privada alicercem uma situação estavel, sem a qual sahiremos vencidos dos embates mercantis modernos.

Mas, tão intimos se entrelaçam hoje os problemas internos com os internacionaes, que não é possivel fechar-se um povo no seu territorio, como uma lagarta no seu casulo, para trabalhar no silencio e na sombra.

A grande machina da civilisação precisa propellir todas as suas engrenagens, e o seu rodar formidavel desconcerta todas as peças que se recusam a acompanhar-lhe o ambicioso movimento.

Olhemos para o presente, e tentemos, através delle, divisar o futuro.

PREPONDERANCIA NO BRASIL

O Brasil presente já, e ha de representar sempre, na politica sul-americana um papel preponderante — que para isso o preparam a sua situação geographica e a sua historica politica, os recursos inexhauriveis de seu territorio a sua proximidade da Europa e da Africa e o seu natural dominio sobre o Atlantico,

Unido á Argentina pelos laços da maior amizade; estreitamente ligado a ella por activo intercambio de productos; necessitando da cooperação de sua grande irman sul americana, e ainda contando com a amizade leal do Uruguay e do Paraguay, o Brasil terá o dominio incontrastavel sobre o Atlantico; ou melhor, ás republicas atlanticas sul-americanas, caberá a hegemonia mercantil e militar sobre a orla do seu oceano, que lhes abre simultaneamente as portas para as aggressões estrangeiras e para o fecundo intercurso do commercio pacifico.

Do outro lado do Atlantico, na costa da Africa, o leão inglez tem cravadas as suas garras de ferro, mais fundamente agora pelo anniquilamento da Allemanha colonial, e a França procura sorrateiramente estender os seus dominios, ambiciosa de desenvolver as colonias.

Estes dominios europeu-africanos ameaçam permanentemente a expansão da America do Sul e do Brasil em especial; porque não só militarmente constituem um perigo proximo, como, no ponto de vista industrial e mercantil, obumbrarão certamente a nossa agricultura e as nossas industrias.

Que valerá o café do Brasil, e o algodão do Brasil, o carvão, o ferro, o manganez, as madeiras, se não os transportarmos, em concorrencia com a França e com a Inglaterra, pelo apparelhamento de uma marinha mercante luso-brasileira que torne possivel a concorrencia dos nossos productos, nos mercados da Europa, da America e da Asia?

Sim, senhores, nos mercados da Europa, da America e da Asia, porque — ou havemos de conquista-los, lutando, palmo a palmo, com os productores concorrentes, ou, mais dia menos dia sossobraremos numa luta desigual.

CONQUISTA DE MERCADOS

E porque precisamos de conquistar os mercados de todos os continentes, em epoca mais ou menos remota, impõe-se-nos estreitarmos os laços politicos, e os interesses agricolas e industriaes com Portugal, porque só esta nação, dentre todas as demais, possue, em todo o globo, bases commerciaes e militares para nós utilisaveis.

Já nos referimos á colonia de Angola, sobre a costa africana do Atlantico, — a maior e a mais importante possessão portugueza. Lembraremos a Guiné, no ponto africano mais proximo do Brasil, quasi fronteira ás ilhas portuguezas do Cabo Verde; as ilhas de S. Tomé e do Principe, no recesso do Golfo de Guiné; Moçambique, entreposto natural nas viagens da India; Gôa, Damão, Diu, Macau, Timor, ahi estão, — estrelados no mappa da Asia — ultimos destroços do imperio colonial portuguez, que devemos ajudar a defender, para gloria de nossa raça, da nossa lingua, e tambem para fomento do nosso commercio, condição primaria da vida internacional hodierna.

O seculo presente é o seculo da concorrencia mercantil. A politica do mundo não se orienta para outro imperialismo que não seja o economico. Conquistas de territorios, sujeição de povos, solos que se povoam, immigrantes que se fixam, organisações que se traçam, guerras, motins, revoluções e reformas, tudo se agita sobre o tapete da producção, da circulação ou consumo das riquezas.

E até a moeda — a medida de todos os valores — dentro de cada paiz, soffre as reacções inelutaveis do commercio internacional.

CONFEDERAÇÃO ECONOMICA

Para a economia politica os Povos formam uma só nação, uma só e immensa confederação, ligada pelos mais estreitos laços de solidariedade. Religiões diversas, linguas diferentes, partidos antagonicos, raças que se odeiam, odios que se transmitem de geração em geração, — nada consegue turbar a lei de solidariedade economica, que a todos faz comprehender a identidade dos destinos humanos.

Podemos dizer que sobre a vaga de ambições e de odios, que, de quando em quando, avassala o mundo, sobrenada a communhão economica dos povos, forçando os inimigos de hontem a serem os cooperadores, de hoje, e, porventura, os alliados de amanhan.

Veja-se a confirmação desta lei de solidariedade no sucesso mais espantoso de todos os tempos — nesta cruenta, nesta inacreditavel, nesta allucinada conflagração européa, que sacudiu o planeta inteiro com os mesmos abalos formidaveis com que o vulcão chileno acaba de encher de luto e de dor a gloriosa nação irman, repercutindo nos pontos mais afastados da terra.

Deposta apenas as armas, e ainda não bem ocupadas as terras reconquistadas ao inimigo, impoz-se a ingente tarefa de sustentar-lhe as industrias e o commercio, afim de se lhe possibilitarem as reparações de guerra.

Verdade é que a França a Inglaterra, e os Estados Unidos não comprehenderam bem ainda a necessidade de cooperar com a Allemanha para o seu reerguimento mercantil e industrial, e as medidas, tomadas a medo, entorpecem os vencidos, sem trazer vantagens aos vencedores.

E' que os alliados de hontem oscilam entre os dois sentimentos — o de vencedores e o de cooperadores economicos. Mas, não nutrimos du-

vidas de que a cooperação, a solidariedade economica predominarão sobre os sentimentos bellicosos e destruidores.

Como se dará este predominio? Quanto tempo levarão ainda os estadistas, e a opinião publica, que hoje os transvia e os céga, ou ainda lhes tolhe todo o prestigio e toda a força, — quanto tempo tomarão para comprehenderem plenamente que toda a guerra é lesiva ao interesse colectivo porque perturba o livre intercurso economico; e que é mais efficaz vencer pelo commercio do que pela explosão bruta das granadas e dos asphixiantes?

Desgraçadamente, parece que a humanidade se não mostra inclinada a comprehender, em sua extrema simplicidade, estes conceitos, e que muitos seculos decorrerão ainda, sem que a justiça internacional illumine todos os recantos do mundo como a justiça de cada Estado esclarece e alumia todos os angulos do seu territorio.

Emquanto este sol de justiça não raiar no horizonte da civilisação, ha de ser necessaria a base militar das nações para apoiar as expansões do seu commercio, da sua agricultura, e da sua industria.

A BACIA DO ATLANTICO

Incontestavelmente, os povos, melhor colocados sob o ponto de vista economico, são os da immensa bacia do Atlantico, em cujas aguas se vae desenvolver a civilisação do mundo, como até á época dos grandes descobrimentos se expandiu no Mediterraneo.

A Italia, criando o direito e impondo a organisação do Estado e da familia a todos os povos occidentaes; a Iberia, abrindo as azas de suas naus descobridoras, fazendo surgir do mar tenebroso os novos continentes e as novas ilhas, e circumnavegando o mundo pela gloria de Magalhães, de Gama, de Colombo e de Cabral, assentaram para sempre, na historia do mundo, o ideal de paz, de ordem, e de commercio livre, que as guia.

Por assim dizer, ao genio latino cabem as reivindicações mais alevantadas do commercio livre: á Italia, abrindo, na Renascença, as portas mercantis do Oriente: Portugal e Hespanha, velejando as suas naus intemeratas em busca de sonhados paizes miraculosos. Não é sem alta significação para o pensamento latino que ao genovez Colombo confiaram os reis de Castella a tarefa de devassar novos mundos, e que, nestes, o genio dos filhos da Iberia se tenha fundido com o labor fecundo da progenie italica. Mas, emquanto não surge a hora de justiça internacional, só possivel, como alvitrou Novicow, pela federação da Europa e da America, realisemos nós uma aproximação politica, mais intima, com o velho Portugal, a reflorir na gloria do Brasil, como o Brasil se retempera sempre na historia portugueza, e nos lidimos exemplos de heroismo e de fé que ella guarda como um escrinio.

A união das nações ibericas, isto é, de Portugal e da Hespanha de um lado, e das nações sul-americanas, de outro, a geographia, a politica, a anthropologia, e a historia, nol-a estão inculcando.

FACTOS GEOGRAPHICOS E POLITICOS

A geographia, com a demonstração de que é mister constituir um grande continente com duas linguas irmans, que se podem considerar simples variantes, pois não ha outras duas tão similares na face da terra; e ainda estreitar, pela viação fluvial, maritima, e terrestre, as zonas que tudo produzem.

A politica, testificando que é urgente constituirmos um nucleo de resistencia ibero-americana, que se contraponha, de um lado, ao nucleo anglosaxonico, de outro ao panslavismo, e de outro ainda ao colosso nipponico, que ameaça estender seus galfarros dominadores sobre a idealistica America Meridional.

A anthropologia, porque, no fundo do scenario politico-economico, ha uma luta ou uma cooperação de raças, pois cada raça tem a sua vocação na historia das conquistas humanas, e a da raça latina é a paz e a justiça internacional, através do commercio.

FACTORES HISTORICOS

A historia, porque nos demonstra que, em todos os tempos, tenderam as nações sul-americanas para a união e a fraternidade de seus ideais, desde as épocas tão proximas, mas já lendarias em que Bolivar e San Martin pregaram a «Liga das Nações Americanas», até as inesqueciveis manifestações de amizade e sympathia ao Brasil, no recente Centenario.

Foi assim que San Martin, depois de haver lutado pela Independencia da Patria Argentina, e pela do Chile, ao partir para a campanha pela Independencia do Perú, em 1818, falou na «Federação Perpetua» dos novos Estados, a qual lhes asseguraria a Independencia por meio de um Congresso Central.

Foi assim que Bolivar, o libertador, escrevendo de Lima, a 7 de Dezembro de 1824, dois dias antes da batalha de Aycucho, que definitivamente consagrou a independencia da America hespanhola, convidou as republicas do continente a mandar representantes ao Isthmo do Panamá, para o fim de celebrar uma assembléa geral, Congresso de Plenipotenciarios, para aconselhar nos momentos de grave emergencia; servir de ponto de contacto nos perigos communs; interpretar fielmente os tratados inter-continentaes, e regular as divergencias entre as nações.

Foi assim que nasceu o Congresso do Panamá em 1826, a que se apresentaram a Colombia, a America Central, o Perú e o Mexico, e delle a «União, Liga e Perpetua Confederação», cujas funcções de paz e de guerra, de alliança e de cooperação, eram mais elevadas, mais singelas, e certamente mais sinceras do que o famoso pacto da Liga das Nações.

Foi assim que se reuniram o primeiro Congresso de Lima, de 1847, e o segundo Congresso de Lima, de 1864, do qual resultou um «Tratado de Alliança e Defeza».

Dir-se-á que essas obras não resistiram aos embates da realidade, e que figuram na historia dos povos americanos, como ensaios falhos e mal definidos.

Responderemos que esta observação se contenta com a superficie dos dos factos. Porque na historia dos povos os decennios correspondem aos dias, na biographia individual, e assim estes sucessos datam de hontem, e ainda não medraram os resultados que trazem no bojo.

A identidade dos destinos historicos, a semelhança das linguas, a communhão dos interesses, os ideaes de justiça e de paz, cimentam uma alliança natural entre os povos da America do Sul — nascidos livres, e consequentemente horrorisados ante o espectaculo da espoliação e da força: com immensos territorios inexplorados, e portanto, sem ambições imperialistas; formados nas lutas pela independencia, e portanto conhecedores do despotismo e do inestimavel valor da liberdade.

Ao concerto das aspirações sul-americanas

Segue na pag. 80

I N S O N I A

Dentro da minha cabeça
Alucinados meninos
Cabriolam, fazem pinos,
Para que eu não adormeça.

Ha comboios pequeninos,
Um paquete que regressa . . .
E um avião que se apressa
Para mais altos destinos.

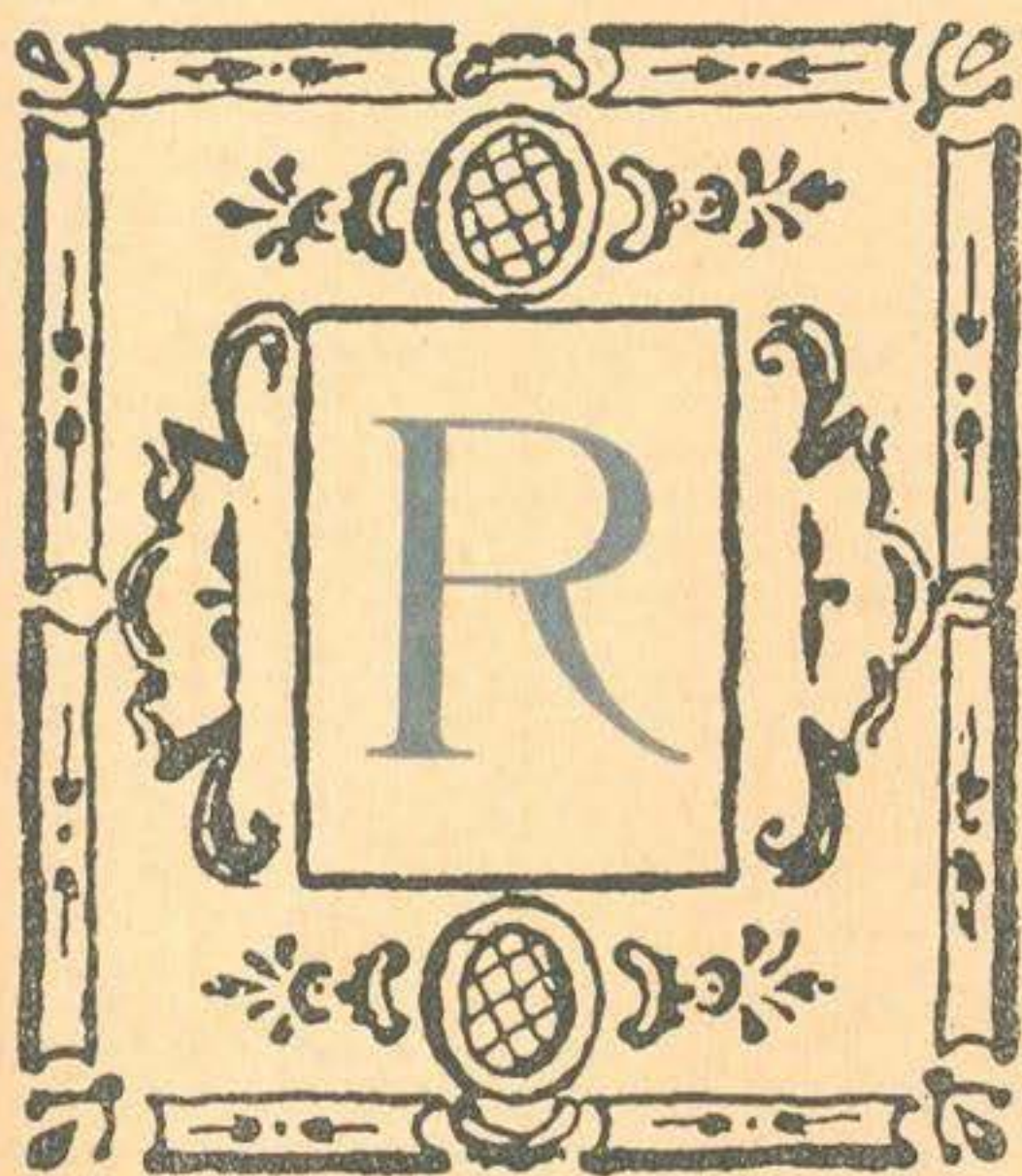
Sinos de prata badalam;
Silvam sirenes e apitos;
Farois, ao longe, sinalam.

Muda-se o quarto em aquario . . .
— E eu, ja doido, salto aos gritos
Para cima dum armario!

Maio, 1926.

CARLOS QUEIROZ

AUGUSTO STRINDBERG

EL VIAJE DE PEDRO EL AFORTUNADO

RECUERDO que a raíz de la muerte del eminente dramaturgo y psicólogo septentrional, Augusto Strindberg, ocurrida en Stokolmo el 14 de Marzo de 1912, publiqué en la revista «Bohemia», de la Habana, una breve biografía del ilustre sueco desaparecido, que el aislamiento doloroso en que viven muchas repúblicas de Latino-América de la actividad cultural de Escandinavia, obtuvo como único comentario por la ineptitud crítica de muchos, que no debía merecer los elogios que le tributaba por no habérsele otorgado nunca el Premio Nobel. Con razón, ó sin ella, está muy generalizada la creencia de que el Premio Nobel se prodiga a cuantos escritores en la nórdica península alcanzan cierta renombre aunque el positivo valor de su obra no interese a la humanidad, ni señale para el arte literario ningún nuevo derrotero. Seguramente se habrá abandonado ese prejuicio en el caso de Strindberg, aceptándosele como una figura extraordinaria de las letras, al divulgarse en castellano, merced a los afanes del Ministro español Sr. Mitjana, la leyenda de *El viaje de Pedro, el Afortunado*, que desde hace más de cuarenta anos se representa en todas las Noches Buenas de Suecia, y que con escrupulosidad vertió a nuestro idioma; labor de difusión que mas tardehan continuado otros, como el Sr. García Mercadal, publicando *A orillas del mar libre*.

No se sabe, en ocasiones, si la propria vida de Strindberg, tan agitada y rebelde, es superior a muchas de sus obras; pero se acredita siempre la fuerza de un carácter apasionado cuya inquietud dió origen a la belleza y al atrevimiento de sus ideas. Hijo de um armador de buques y de una sirvienta, nació Strindberg en la Capital del reino sueco el 22 de Enero de 1849 y bajo la protección del Rey Carlos cursó estudios en el Liceo de Stockolmo y en la universidad Upsala, hasta doctorar-se en Filosofía y Letras. En los primeros azares de su existencia desempeñó cátedras de enseñanza, fué periodista de oposición, bibliotecario y comparsa de teatros. Circuns-

tancias imprevistas le obligaron a buscar el sustento en una ú otra forma y una vocación desmedida por el arte de Talía, en que puso toda su confianza para alcanzar la gloria, hizole bregar incesantemente con una decision heróica que sabía vencer las fatigas de los fracasos iniciales y la crítica acerba de sus opositores.

A los veinte y tres años habia escrito ya: «El librepensador», «Hermione», «El paria», y sufría la desilusión de ver rechazada, como demasiado atrevida, la primera de sus grandes obras maestras, la hermosa tragedia «Master Olof» que mantiene en el telar y refunde hasta cinco veces antes del año 1876.

Desde entonces, las cuestiones palpitantes de la vida moderna, los arduos problemas que la psicología racionalista plantea, tratolos Strindberg bajo forma dramática y de un modo verdaderamente trágico. Ningun hecho, ninguna predisposición social escapó a sus acres diatribas, ni a sus crueles juicios; destruía con el afán de un rebelde revolucionario y el ímpetu mismo de um viento demoledor Su labor fué continua y fecunda; la lista completa de sus producciones de todas índoles, resultaría interminable. Sobresalen entre ellas: la comedia «Año 1848»; «Ecos de Fjardingen y de Svartbackan» — dos barrios de Upsala donde observa la vida estudiantil; — «El cuarto rojo» — en que describe el ambiente literario de Stockolmo; — «Los habitantes de Hemsoe»; «Utopías realizadas», — se nota la influencia de Rousseau; — «El nuevo reino», cuya aparición sucistó tal escándalo que se vió precisado a marchar al extranjero; «Casados»; «La Señorita Julia», «Las Marias», — historias matrimoniales; — «Los acreedores», «El misterio del Gremio», «La esposa del Sr. Bengt», el drama satírico «Las llaves del cielo»; «El vínculo», — historia de uno de sus tres divorcios; — «Hacia Damasco», — drama; — «Gustavo Waza», Erick XIV», «La soga de los Forkunger», «Gustavo Adolfo» y «La Reina Cristina», — episodios históricos llevados a la escena; — «En apelación», «La noche de San Juan», «El solitario», «El libro azul», — donde expone su filosofía espiritualista y deísmo indeterminado; — «El cuarto gótico» y «Estandartes negros», en las que el autor afirma su odio vehemente contra la hipocresía moderna y el espíritu estrecho y limitado de la sociedad sueca, «El infierno», que explica los detalles de una enfermedad nerviosa que contrajo a causa de su infelicidad conyugal y que los alienistas declaran documento precioso. Cultivó con gran afan los estudios históricos y sociólogicos, enalteciendo siempre los anales de su patria y obteniendo el honor de que se leyeran sus trabajos en la Academia de Inscripciones y Bellas Letras de Paris. A tales especulaciones responden sus libros: «Estudio sobre la historia de la civilizacion», «El pueblo sueco», «Viejo Stockolmo», «En tiempos del desastre», «Vidas y aventuras suecas».

Señalaremos especialmente, «En pleno mar» que bajo el titulo de «A orillas del mar libre» se ha publicado en castellano, en que representa al super-hombre perseguido por todos los infortunios y traiciones hasta llevarlo a una locura ciega y estúpida, de la que se liberta en los brazos de la inmensidad, cuando para huir de todos aquellos que destrozaron sus ilusiones primero, su decoro después, se entrega a las olas del oceano, resuelto e imperturbable en su delirio, siguiendo las rutas luminosas que las estrellas impasibles le señalan.

Strindberg era um misógino convencido; sentía honda adversión a las mujeres, motivada seguramente por las travesuras de sus dos primeras esposas, de quienes tuvo que divorciarse y por los caprichos de la artista Henriette Bosse, con quien contrajo terceras nupcias en Marzo de 1901. Condenó las tendencias feministas y aspiraba que la mujer fuera *compañera del hombre* y *no rival del hombre*. Fué perseguido como enemigo de toda moral en Alemania por su obra «La confesión de un loco».

Dos de las mas llamativas rarezas de Strindberg consistieron en sus profundos estudios del idioma chino, hasta conocer intimamente la tierra de Confucio, y la de consagrarse con enorme ahinco, obteniendo no despreciables resultados, a la química. Pretendía descubrir la transmutación de los metales y la fabricación del oro.

Caracterizó al genial autor de «Padre» su proteismo exagerado, llegando a sostener opiniones diversamente opuestas y pasando a menudo de la extrema negación al extremo convencimiento. Fué cristiano, ateo, aristócrata, socialista bélico, defendió al Rey Carlos y en el apogeo de esta defensa publicó un diario, «Dageus Nyheter» para combatir la monarquía. No era una pasión; era um pensamiento. Asi pueden explicarse sus dudas, sus contradicciones y sus quebrantos.

En el conjunto de sus obras domina el culto a la fuerza que aprendio de Nietzche y el pesimismo de Hartman. En sus novelas, no pocos le encuentran alguma afinidad con Alejandro Dumas, hijo. Y como muy bien dice Gomez Carrillo, en su «Li-

teratura Extranjera», mas que a Brostrom, se parece a Ibsen, pués aunque sus ideas le obligaban a caminar por sendero opuesto al que escogió el autor de «Per Gym», siempre la esencia instintiva de su temperamento, le condúcia hacia un mundo nuevo y humano.

Strindberg, que viajó bastante por Suiza, Italia, Francia, Alemania y Dinamarca, colaborando en distintos periódicos de estes países, disponía de um público inmenso que tanto sus piezas teatrales como sus novelas admiraba, y en el mercado literario esa popularidad daba inapreciable valor a sus esperadas producciones.

Era Strindberg alto, grueso, de ojos grandes, mirada noble, cabellera rubia, espesa y mal peinada; hablaba poco, con voz monótona, sin ademanes, sin gestos, sin entonación, tratando de dar a sus frases un corte lapidario y rítmico. Murió a los sesenta y tres años sin que le faltara una palabra por decir ni un pensamiento por expesar: trabajó con la paciencia de un benedictino y para caer definitivamente pidió una biblia y la apretó contra su pecho. «Todo lo que es personal debe ser abolido»: tales fueron sus últimas palabras.

Al bajar a la fosa el cuerpo robusto de aquel pensador e inclinar-se ante su ferétro las banderas nacionales en senal de luto y de respeto, en medio del pueblo descubierto, deseoso de rendir homenaje al que comprendió sus dolores y batalló por sus derechos, sus más caros discipulos recordaban con espiritu desapacible estas frases desesperantes del Maestro que resumen sus ideas definitivas: «Nada es bello; nada es moral. El Universo Filósofico no existe. Lo ùnico que tiene sentido justo en el mundo, es la palabra NIHIL».

♥ ♥ ♥

En la leyenda de pascuas, «El viaje de Pedro, el Afortunado», flota un sentido místico, que nada tiene que envidiar al de Maeterlink, en sus fantásticas creaciones. Sobre los bosques llenos de dríadas, sobre los lagos de cisnes milagrosos, sobre los rincones de los viejos campanarios en que conspiran los duendes, vuela su imaginación con poderosas alas y brinda una serie mágica de absurdos que esmaltan las notas complicadas y bellas de su poética inventiva.

Pedro es el hijo del campanero de uma iglesia lugarena, triste y pobre. No conoce el mundo,, no ha podido apreciar los dolores y las alegrías de la vida; y su viejo padre, experimentado y ducho, no quiere que salte las tapias del templo para que siempre continúe en su feliz ignorancia. Una noche de Navidad, el viejo campanero tiene la desgracia de que los ratones se coman el plato de harina con leche que todos los años dedica como aguinaldo a su gnomo protector. Molesto el duende por la falta de propina, estima como una sangrienta burla que aparezca el plato sin el condimento y jura cobrársela al caduco amigo haciendo que su hijo conozca la vida. Y Pedro, desde el campanario, por los ojillos vivos y saltones del diablejo, empieza a ver el mundo: el hogar de los felices, el palacio del poderoso y el jardín de los amores. Está aburrido del campanario y de los repiques constantes. Tiene ansias de saltar, de reir, unos enormes deseos de felicidad. El duende caprichoso, en unión del hada protectora del muchacho, le regala un anillo de encantamiento. Entonces el hijo desobedece al padre huraño, y éste, desairado, bajo el dominio de las potencias infernales, se transforma en un gato negro. Gozoso Pedro sale a recorrer mundos y a conocer la vida.

Las aventuras son múltiples e ingeniosas. Juega en el bosque al igual que los niños y conoce a Lisa, mensajera de su hada madrina, que es el Amor. Se muestra impaciente en sus ansias inauditas de gloria y de honores. Su egoismo no se conforma con el amor, que tan fácil se le presenta. Mas que el amor quiere el oro: «El oro que sirve para todo y no sirve para nada».

Hay una transformación diábolica: Pedro surge de improviso en un salon lujosísimo donde varios criados introducen una mesa repleta de manjares suculentos y exquisitos vinos Pero entonces Pedro experimenta los sinsabores, los tormentos de todo el que tiene dinero, el dinero que los demas codician. Pedro sufre las terribles penas de las conveniencias sociales, la mortificación de los inspectores del fisco, de los abogados, de los alguaciles, de los mayordomos, de los amigos falsos que en la opulencia nos miman y en la estrechez nos abandonan. Pedro no es feliz, y aprende en la vida que el oro no dá la felicidad. Entonces ambiciona la gloria y quiera ser reformador...

La picota y la estatua dialogan en la plaza pública, La estatua representa un

bienhechor de la ciudad: al burgomaestre que pavimentó las calles con guijarros y que desde entonces, los negocios del zapatero, del calesero y del pedícuro aumentaron notablemente, La glorificacion del burgomaestre es algo oficial y solemne. Pedro llega a la ciudad y lanza un manifiesto: él es un reformador que ha de sustituir los guijarros por adoquines. Los elementos gubernamentales, las clases solventes, los amigos de las tradiciones, se indignan y mandan a Pedro a la picota. El pueblo está con Pedro; la multitud piensa sinceramente que sus ideas son laudables y que convienen los adoquines; pero la opinion de la multitud no significa nada al lado de la opinion del Dinero y del Poder. Lisa salva de la picota a Pedro y le advierte de su egoismo perturbador y dañino. Pedro pide a su anillo mágico una nueva transformación para gozar de las alturas del Poder.

En el acto cuarto aparece el palacio donde se prepara la ceremonia de la consagracion de Pedro como si fuese el Califa Omar XXVII. El mayordomo dibuja un complicado árbol genealógico que arranca de califas celebérrimos; pero es necesario que el hijo «legítimo» del campanero tenga que ser hijo «bastardo» de un guerrero noble de la antiguedad para acreditar sus derechos al trono. Pedro necesita tambien abjurar de su antigua y sencilla fé, cambiar de creencias, como quien cambia de calcetines, por razones de Estado. En difinitiva Pedro se convence que desde el Poder no es feiiz, ni consigue la felicidad de sus gobernados; y cuando le abruma la adulación de los cortesamos y se le impone como un deber oficial el casamiento con determinada princesa para evitar una guerra de tarifas aduaneras, explota en ira atropellada y arremete furioso contra los farsantes. El trono se derrumba. Los funcionarion huyen. Pedro va a mezclar se con el pueblo a ver si el Derecho y el Honor existen todavía. A la orilla del mar un filósofo solitario le explica juiciosamente lo que es el corazón humano: «Mira este músculo seco y contraído, de forma triangular, inerte y frío, que tengo en la mano. Pues hubo un tiempo en que palpitó de ira y se extremeció de gozo; en que fué comprimido por el dolor y dilatado por la esperanza. Repara bien: está dividido en dos grandes secciones: en una cabe todo lo bueno que hay en la naturaleza humana; en la otra toda la maldad de los hombres; por mejor decir, en este lado mora un ángel en aquel un demonio».

Pedro vuelve a su vieja iglesia, a su amado campanario, convencido de que no existe la felicidad mas que en el Amor y que es dañoso conocer la vida. Lisa está allí en el arcaico templo, ungido de paz y de silencio, porque sabe que Pedro ya no es egoísta y ahora podrá dedicarse confiado a su cariño sabio y a sus afectos tiernos. Una sombra desde el púlpito le dice: «Ningun gran deseo puede ser satisfecho por la virtud de un anillo. En la vida nada se obtiene sin trabajo. Trabaja, Pedro, y sé honrado; pero, fíjate bien: no quieras ser santo porque de la santidad pretenderàs sacar vanagloria y no son nuestras virtudes sino nuestras faltas las que nos hacen hombres». «Una escoba tambien dá su consejo: «Si no consigues ser grande, puedes ser cualquiera otra cosa; hay mucho donde escoger y en todo caso siempre se puede ser útil... aun en la peor de las hipotesis *basta ser bueno*».

Pedro y Lisa encuentran su paraiso terreno en la torre legendaria, junto a las vigas con telarañas y a los cordeles de las esquilas, sin saltar las tapias de la iglesia polvorienta, pobre y olvidada...

ANTONIO IRAIZOZ

Por motivo de doença do nosso Amigo e Colaborador, que gentilmente nos ofereceu algumas notas inéditas de Camilo Castelo Branco, só no próximo número as poderemos dar á estampa.

INVERNO

Os kalendarios mentem! Afinal
Tudo morreu... E a dança de S. Vito,
Dos ramos nús, fez-te soltar um grito
Que vibrando varou todo o cristal.

Tens surpresas, és muito desigual.
Ninguem me vê alegre nem aflito:
Indiferente, apenas acredito
Que tudo nesta vida é natural.

Já me não prende a mais festiva palma.
São manequins os sonhos que desmembro
E se dissipam nesta fria calma.

Dia de crépes, luto de Novembro...
O fim do mundo, aqui, na minha alma.
—Já não devo sofrer porque não lembro!

GIL VAZ

DOIS POEMAS DE RABINDRANATH TAGORE

■ ■ ■

I

Um dia, em meus dias de menino, soltei na agua verde d'um tanque, um barco de papel.

Formoso dia de Julho! Ninguem em volta, só eu em volta do meu brinquedo.

Fluctuava no tanque o meu barco de papel.

No ceu azul, de repente, vi a roupagem das nuvens, veio o vento á lufa-lufa, a chuva bateu no chão.

Rolos d'agua, lôdo e agua, confusão... Afundou-se o meu barco de papel.

Julguei e com amargura, que a tempestade viera unicamente aniquilar a minha fragil felicidade, e apenas por mim e contra a mim viera.

Ainda hoje não finda aquelle dia de Julho em que o ceu enegreceu. Acode-me hoje a lembrança de que a vida não é mais do que um jogo e um brinquedo, brinquedo que se perde, jogo em que continuamente perdi.

Se maldigo a minha sorte e os revezes que sofri, lembra-me sempre o tanque verde e o barco de papel que vae ao fundo.

II

Porque segredas debilmente ao meu ouvido, Morte, Morte do meu coração?

Quando as flores se curvam pela haste e os rebanhos recolhem aos redis, furtivamente vens ao pé de mim, silabando em surdina palavras que eu não entendo.

E' assim que me deves cortejar e seduzir, com o opio dos murmurios sonolentos e o frio distincto dos teus beijos, Morte, Morte do meu coração?

Haverá cerimonia de pompa para o noivado?

Não has de prender com uma grinalda, os aneis do teu cabelo escuro?

Não has de querer alguem para levar o teu estandarte á nossa frente, e não havemos do olhar o ceu em fogo, ateado pela luz vermelha dos archotes, Morte, Morte do meu coração?

Vem com os teus murmurios de buzio, vem n'esta noite d'insonia...

Envolve-me n'um manto carmesim, prende-me bem as mãos e leva-me comtigo.

Deixa a galera negra e pronta á minha porta, e os cavalos fumegantes de impaciencia.

Ergue a ponta do véu e contempla o meu rosto com orgulho, Morte, Morte do meu coração.

MARIA SALOMÉ,
TRADUZIU

A TUA BOCA

I

Nasce a manhã em teu cabelo ruivo...

Palacio de perfume e pedrarias.
E, Salomés acariciando as pômas,
As nossas línguas úngem-se de aromas
Para o baile sagrado das orgias!

II

Sol a prumo em teus seios de feérias...

Alcova ideal de sádicas sereias.
E em batalhas voluptuais, violentas,
As nossas linguas, humidas, sangrentas,
Sorvem um mel de cálidas colmeias...

III

A tarde ajoelha no teu ventre liso...

Jardim da perfumada Berenice,
Aonde as nossas linguas incendidas
Adormecem, cansadas e doridas,
Num sonho de fantástica meiguice!

...Jardim da tua carne de Belkiss.

Dos poemas heráldicos
a sair no Outono:
JARDIM DAS CARICIAS

ANTONIO DE CÉRTIMA

ANTONIO FERRO

NÃO ha como separar a arte da vida, sem enfeixal-a num preconceito, que renuncia sua sinceridade, afim de tornal-a simples fórmas de emoções subtis e peregrinas. A arte é a propria magia da vida, está em todos os seus momentos, em sua perenne mutação, bastando que o artista a sinta, pelo dom prodigioso do seu estro, para que logo se nos revele, como a libertação da materia, que se espiritualiza e tende ao mais perfeito. A tragedia do criador é essa realização, em que os materiaes fogem ás novas fórmas, só attingidas depois do longo supplicio do genio, vencendo as contingencias que o esmagam, num circulo doloroso e incerto. A obra de arte é, portanto, uma victoria. É a victoria da concepção sobre a fórma e a victoria de uma forma espiritual sobre a realidade em que constróe. O artista, depois de realizar, em espirito a sua obra tem de crial-a em especie, plasmando, na propria natureza, a figura irreal de sua imaginação. Sobre a pedra, ou sobre as massas, pelas palavras ou pelas imagens, com as tintas ou com os sons, que são todas coisas finitas, o artista cria a suggestão profunda de seu espirito que, mais uma vez, se liberta e, como Ariel, adeja por sobre o mundo, que domina. A tragedia da arte é o episodio dessas duas victorias. E, sendo sempre as mesmas, não se igualam nunca. Cada artista as soffre em suas dôres proprias e jamais se repetem. É que a interpretação do universo se renova deante de cada temperamento — é um segredo permanente e sempre novo, na irradiante maravilha de seu mysterio inquieto. A arte é esse depoimento pessoal de uma commoção intensa em face da grandeza da vida, que nos empolga, como uma allucinante vertigem.

A arte é a vida que se transfigura. O artista é o homem que venceu a vida, para délla tirar seu significado existente, além dos phenomenos naturaes, na eternidade do espirito, na sua comunicação com Deus, que é a Perfeição. A arte não procede do tempo, nem do espaço. Tudo que assim a explica, encadeia-na em preconceitos, nos quaes não póde subsistir. A arte é eterna como o espirito, refoge a todas as contigencias na sua idéalidade absoluta. O artista é um caso isolado e as feições pessoaes não influem sobre o infinito de sua obra, que se liberta de todos esses entraves, pela força de sua propria expressão. As contendas florentinas, que estão na *Comedia*, não a limitam a uma obra local, porque, no fulgor da criação, ha a marca da belleza universal, que paira sobre a humanidade, seus seculos e seus costumes. Todas as categorias que classificam a arte são artificios mais ou menos engenhosos e não fixam senão caracteres exteriores, pois a essencia se perde no infinito, que exprime a vida e o universo.

Ha no mundo, na multiplicidade das fórmas e na opulencia das forças, uma emoção profunda, que só ao artista commove. E a propria ansia da natureza para se revelar, o desejo de se communicar, como uma melhor expressão para sua pujante energia. O mundo lhe propõe o segredo terrivel, de cujo misterio tragico e angustioso sae uma existencia mais sublime. A arte, pois, está no desejo permanente de todo o espirito que aspira compreender essa revelação do universo, quando os dados da sciencia não bastam, nem satisfazem as pesquizas dos philosophos.

❦ ❦ ❦

O artista é sempre um caso isolado. Não ha nelle ordens estabelecidas, nem canones fixados, nem o passado envolvente, nem tampouco o preconceito do futuro. O artista é actual, isto é, traz em si o passado numa somma de acquisições inconscientes e prepara o futuro nos pendores que vai marcando. Vive o momento que passa, procurando tranfigural-o na sua emoção, para gosar inteiramente a gota de prazer e de dôr, que o destino lhe verteu nos labios. Contemplar a vida, como se nos apresenta, nos monstruosos, ou amaveis aspectos da realidade, e reproduzir as suggestões, através de seu temperamento — eis a obra do artista. Não lhe pergunteis se sente justo, ou certo, basta que sinta sinceramente e traduza com espontaneidade. A arte moderna de Antonio Ferro é esse depoimento do seu espirito, em face do mundo que passa. Sente, profundamente, o instante fugaz. «Ser de hoje, *Ser hoje!!!* Não trazer relogio, nem perguntar que horas são... *Somos a Hora!*» — exclama, num surpreendente manifesto, e affirma, aos olhos mornos de todos os burguezes (e os da arte são os de peior especie), affirma que cada qual tem de ser da hora que corre, porque o tempo não respeita, o que se faz fóra do tempo. Sua arte é uma suggestão continuada, despertando em todos os laivos e accentos, nossa sensibllidade, que fére de leve, mas nunca se entrega. Deixa-nos, apenas, o motivo incompleto. Cada qual que o realize, a seu modo. Não se dá nunca, faz-se desejar, tem qualquer coisa de feminino, a volupia sensorial das mãos cariciosas, que desejam, mas não possuem... «Tem, na côr, «o seu principio, meio e fim», mas não accentúa os coloridos. Lança na téla as côres crúas, ou os tons subtis, deixando ao observador sentil-os, combinal-os, ajustal-os, completando o quadro. Lêde — por exemplo — o seu admiravel manifesto NÓS, em que, por trás de cada palavra, ha uma teoria de arte, um juizo superior, um criterio firme. No contraste e no paradoxo repontam idéas vivas, frementes, agitadas, que querem fecundar e criar, porque «a arte é uma libertação».

E certo que choca e violenta mesmo a sua linguagem de fogo. Mas ha scentelha. Deslumbra e queima. Mas, queimando, não destróe, constróe, porque a vida é uma combustão. O que desapparece é a parte má, o que tem forças se refaz, porque precisa viver. Não ha, portanto, que temer o fogo, o fogo da arte de Antonio Ferro. Póde-se discordar de seus conceitos, onde ha os excessos justificaveis dos que estão á dianteira dos movimentos. Mas, a adaptação os corrigirá, guardando a essencia.

O artista de linguagem «esbraseada», quando se trata de affirmar, que arranca, para pintar suas idéas, as tintas quentes e primarias, tem na palheta fulgente uma gamma riquissima de meio-tons, de nuances apenas indicativas, de uma suavidade realmente admiravel. O *Sermão da Montanha*, para citar uma das poesias mais caracteristicas, é de um colorido delicioso, com um encanto a palpitar na impressão que desperta. Ouçamos esta quadra:

Ide unir os vossos labios
(Que de Deus ficarão perto)
A's chagas dos pobresinhos:
Fechai tanto labio aberto...

Citei, muito de proposito, duas feições diversas da arte de Antonio Ferro, para mostrar que tem na sinceridade o fundo maravilhoso do seu estro. Sente é sua maneira. — «A Arte é a mentira da Vida» — elle nos diz, insinuando que o artista não deve ter o preconceito de ser fiel, porque «a Vida é a mentira da Arte.» Não julgueis que faz jogo de palavras. Damonstra, no rapido conceito, que a arte é um engano, para o artista, como a propria vida. Ha um reflexo mutuo, através do espelho de sua alma,

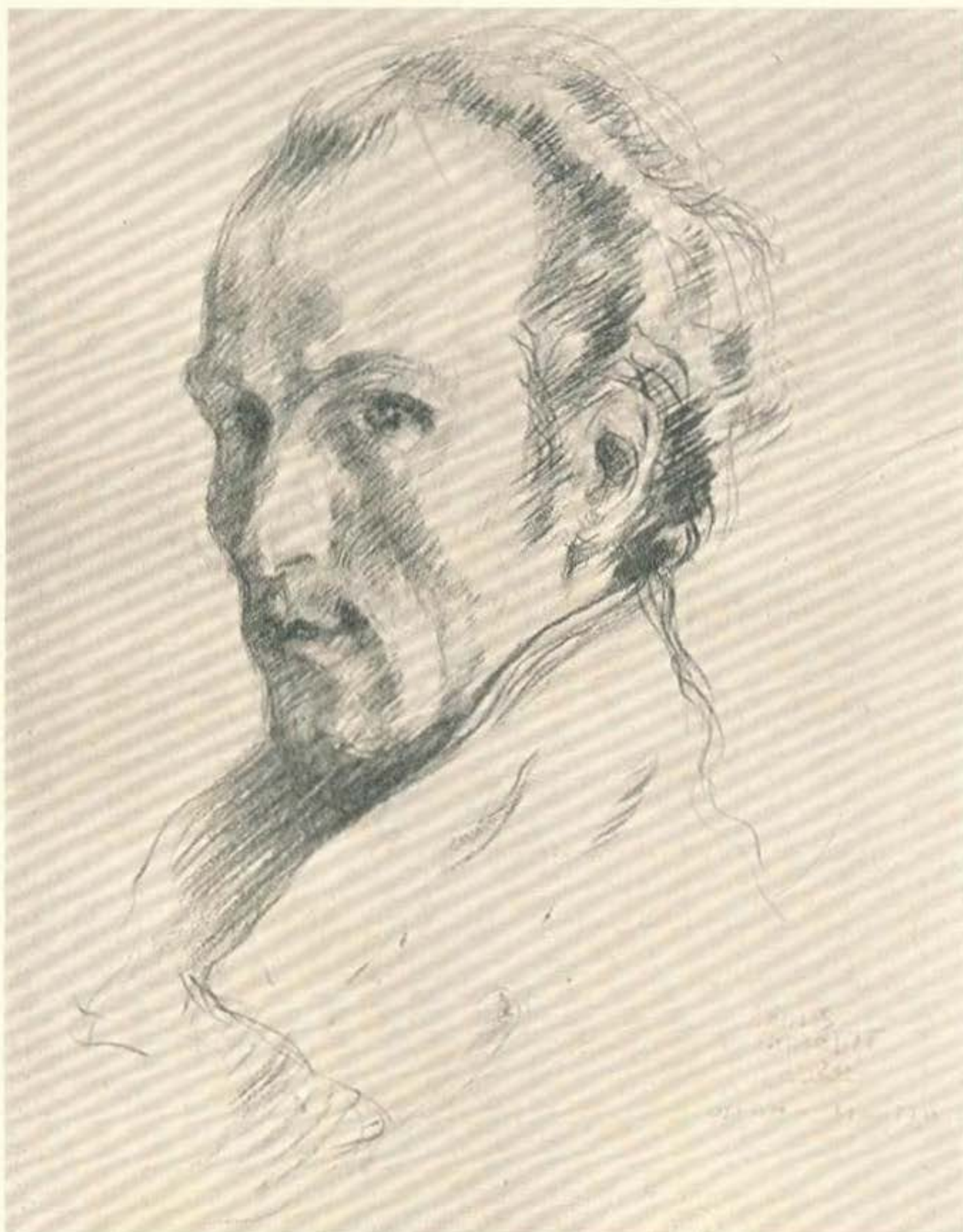
que, se deformar, não póde nunca conhecer essa deformidade. A conclusão é apartar a realidade da arte. Cuide a sciencia de aferir as suas medidas e a philosophia de penetrar-lhe o sentido. Deixemos ao artista a mentira, «que é a Arte da Vida».

Antonio Ferro é dos espiritos mais fortes dos *modernos*, não pela audacia, mas pela extranha sensibilidade, realmente livre, no sentido de que das suas tintas vivas, ou suaves, surgem multiplas impressões, que vivemos a nosso prazer, porque o artista não as recortou, suggeriu apenas, para criar estados dalma. Não descreve, não analisa, não enquadra e não cataloga. Expõe motivos. Cada qual, em seu sub-consciente, que os viva. Lêde este trecho delicioso de *Leviana*, logo ao abrir o livro:

> «O seu rosto era um ângulo agudo, com o ângulo indicado na bôca, uma bôca exagerada, quási imoral... Os seus olhos eram dois gatos castanhos, de unhas afiadas... O seu olhar, por vezes, arranhava. O seu nariz — um palhaço a gritar, um palhaço desmanchado, semsaborão, ás piruêtas, num circo... Os dentes, em ossadas, esqueleticos, jaziam, em seus lábios, como em coval remexido... A sua cabeça gotejava sangue no seu corpo, como num prato de oiro....
>
> «Os seios de Leviana, irrequietos, perversos, eram duas dedadas sanguineas, no muro branco do seu peito... As ancas fortes, sêcas, davam ao seu corpo um ritmo vivo, febril... As suas pernas esguias, éticas, vestidas de sêda negra, eram duas pernas descuidadas, levianas, sorridentes, a provocarem... O seu corpo amanhecente: aurora boreal dos meus sentidos!...»

Ahi o tendes. Não ha o que explicar. Sendo um artista interior, é um objectivo por excellencia, buscando tirar das coisas mais triviaes um sentido occulto e commovente, a imagem de sua emoção em frente da vida. Ai dos que não sabem ler no fundo da realidade! Para elles, a existencia será sempre invariavel e banal, monotona e dolorosa. Mas os que, á maneira de Antonio Ferro, transfiguram no seu espirito todas as sensações e tiram das apparencias costumeiras uma expansão da vida, estes multiplicarão o mundo, no infinito de sua imaginativa e criarão paraizos luminosos para compensar a miseria humana, a irremediavel contingencia da especie.

Renato Almeida

A CONTEMPORANEA, que em 1923 tomou a iniciativa da organização do primeiro Salão Português do Outono, propõe-se realizá-lo no próximo mês de Novembro. Recebeu já as adesões de Alberto Cardoso, Almada Negreiros, António da Costa, António Soares, Bernardo Marques, Eduardo Malta, Francisco Smith, Jorge Barradas, Mário Eloy, Sára Afonso e Stuart de Carvalhais.

Contemporanea
n.º 2, 3.ª Série

CARLOS CARNEIRO
Retrato do compositor moderno
ANTONIO CARNEIRO

S E L V A

Na noite adormercida
Ouvem-se as notas dolentes,
Cristalinas,
Da flauta dum fakir
Na noite adormercida...

Metalicas e finas,
Ora dolentes, ora nervosas,
Perdem-se lentamente pelo espaço
Na noite adormecida...

Num languido compasso
Sonambula, dormente,
Completamente fascinada,
Oscila uma serpente,
Na noite adormecida...

OLAVO D'EÇA LEAL

LIRISMOS

A' Dona da gracíl cintura.

ENTIAM-SE a caminhar de novo pelo mesmo caminho...

Envolvia-os a noite, o sonho das colinas, o scintilar das estrelas — e o palor do luar, enlanguecedor claro, que ia estender-se, lá longe, nas aguas calmas do rio, com o dormente rebrilhar das altas constelações.

Brandamente, os seus passos acordavam lembranças...

Num odorante crescendo, como de magnolias abrindo, as recordações evolavam-se, embalsamavam a noite.

Em tudo andava a Saudade — e a vida dessa saudade dava-lhes novos desejos...

Fugiam de se escutar, diziam palavras soltas que o coração não dizia; mas, nos silencios, a sua vida intima falava como liras que soltassem, num longo bosque ao crepusculo ou ao raiar da manhã, arias, lendas, baladas dos preludios dum amor que não deixassem viver.

Erravam melancolias, suspiros de beijos não dados, e a luz nublada dos olhos humidos de magua e d'amor.

Nas brandas colinas havia curvas de seios de virgens.

O palor do luar aspargia, scintilava, tinha sensualidades de tunica de finas palhetas de prata, que velasse, desenhando, um lindo corpo dormindo.

E os sentidos despertando, num odor de medronheiros e em murmurios vagos de espuma de vagas em praia-mar, davam sonhos e emoções ao proprio pó dos caminhos.

Tudo era luz latescente, dormencias indefenidas, sonhos esparsos sonhando os sonhos que ambos sonhavam...

As suas mãos de surtilegio, vinbrateis, enlanguecidas, entristeciam sentindo-se umas das outras viuvas.

Os seios dela, pequenos, como dois pombos no ninho, arrulhavam perguntando porque não ia ele afaga-los estando tão perto deles?!

E os braços dele, desolados, não compreendiam nem queriam compreender as razões que os não deixavam apertar e vencer, na força do seu desejo até o ver desmaiar o corpo dela — tão lindo! — a balouçar, insensando como botão de rosa abrindo, num ritmo todo de amor!

Que se teria passado? O que teria feito as suas mãos, os seus corpos d'amorosos, para não poderem ir como então juntos, quase enlaçados, advinhando-se atravez do estofo leve dos fatos, segredando mil segredos só dos sentidos ouvidos — e condenarem-nos, assim, á desolução e ao abandono de bôcas faltas de beijos?!

E o coração apiedado tinha revoltas e anseios — e a inteligencia e a vontade, quáse nas lutas vencidas, cediam campo á ternura...

Lá ao longe despediram-se — mas no pensamento ficaram.

A noite lembrava um lago dormente de tremulinas.

Batiam as palpebras d'oiro milhões e milhões d'estrelas.

E um caminhante passando cantou a velha toada dum par de amantes melgueiros, rescendendo a rosmaninho e ao perfume e ao enleio das quentes noites de verão — a mesma que lhes embalara, em horas d'ansia contida, promessas que nunca fizeram.

Ela tomou a toada, chamou-a a si como d'antes — e, numa brandura d'eco, a sua voz repetiu-a. E ele afastou-se, escutando-a, em evocações a scismar, cheio da simplicidade dum pobre pastor que sofresse ao ver cavar um roseiral, perfumando, todo a abrir, só para se erguer o castelo do querer dum rude senhor...

Lisboa — Janeiro — 1924.

ANTONIO DE SÊVES

Canção de MARIO de SÁ-CARNEIRO

As grandes Horas! — vivê-las
A preço mesmo dum crime!
Só a beleza redime —
Sacrificios são novelas.

«Ganhar o pão do seu dia
Com o suor do seu rosto...»
— Mas não ha maior desgosto
Nem ha maior vilania!

E quem fôr Grande não venha
Dizer-me que passa fome:
Nada ha que se não dome
Quando a Estrela fôr tamanha!

Nem receios nem temores,
Mesmo que sofra por nós
Quem nos faz bem. Esses dós
Impeçam os inferiores.

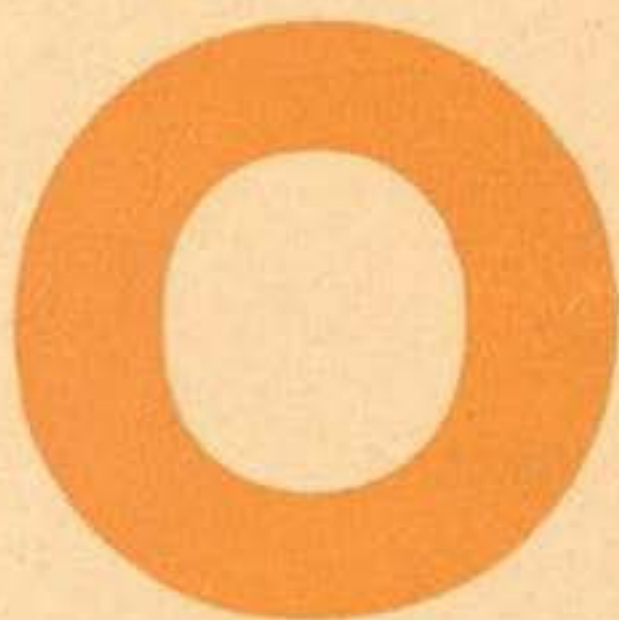
Os Grandes partam — dominem
Sua sorte em suas mãos:
Toldados, inuteis, vãos,
Que o seu Destino imaginem!

Náda nos pode deter:
O nosso caminho é d'Astro!
Luto — embora! — o nosso rastro,
Se pra nós Oiro ha de ser!...

Das Séte Canções de Declinio

PREFACIO DE UM LIVRO QUE EU NÃO PUBLICAREI

A VALERY LARBAUD, «GRAND EUROPÉEN».

«Ma pétulante pensée jouissait de son premier âge.»
BALZAC

«Correio literário», que eu quiz fazer á semelhança dos franceses, teve que ser reduzido a uma simples cronica semanal. Mas este defeito não é nada ao pé dos que derivaram de mim proprio. Ao fazer, agora, o balanço destes quarenta artigos, é que eu vi bem como estão longe do que a critica deve ser.

A critica, como a historia ou como a biografia, tem que ser objectiva e impessoal. E quando os escritores subjectivos tentam, por exemplo, o genero biografico, não podem fazer, senão, esses, de resto, maravihosos livros, que são os «Portraits imaginaires», de Walter Pater, e as «Vies imaginaires», de Marcel Schwob. São estes dois livros inferiores ás verdadeiras biografias, embora romanceadas, de um Shelley, por André Maurois, ou de um Balzac, por René Benjamin? De forma alguma. O que não são é biografias.

O mesmo se pode dizer das minhas criticas: — que o não são. Porque eu seja dotado de imaginação e fantazíe sobre os livros a que me refiro? Não. Mas porque sou um egotista, um egocentrista, mesmo, e relaciono tudo commigo proprio.

Durante o periodo em que mantive essa colaboração, sofri eu as maiores transformações, ou por outra, as maiores oscilações iutelectuais, morais e, até, sentimentais. Pois todas elas deixaram a sua marca, ás vezes involuntariamente, outras vezes com um impudor cuja inconsciencia eu meço bem, agora que tenho de me confessar, e hezito em faze-lo, a um publico mais reduzido e mais seleccionado que o de um jornal de informação.

Eu seria, no entanto, injusto para commigo mesmo, se atribuisse esse facto, exclusivamente, a uma incapacidade de abstracção do meu Eu. Passado o tempo necessario á analise da minha propria obra, eu verifico que, desse periodo de critica aos mestres e aos generos literarios, um mestre e um genero conservaram, sobre todos os outros, as minhas simpatias. E que mestre! O Maurice Barrès do «culte du Moi», completado pela «sincérité envers soi-même» de Jacques Rivière.

E que genero! O das memorias intimas, das confissões, dos jornaes como «Les Cahiers de Malte Laurids Brigge», de Rainer Maria Rilke.

Sendo assim, eu devería fazer, então, de preferencia, um diario em que me estudasse e me descrevesse mais á vontade. Mas se eu vivo só para a literatura! Não falo da minha literatura, como não falo da vida pratica, e sim das obras alheias e da existencia em que se pode ter atitudes estecticas, liricas ou romanescas. Mais do que um literato, eu sou um literario para quem vale mais lêr do que escrever.

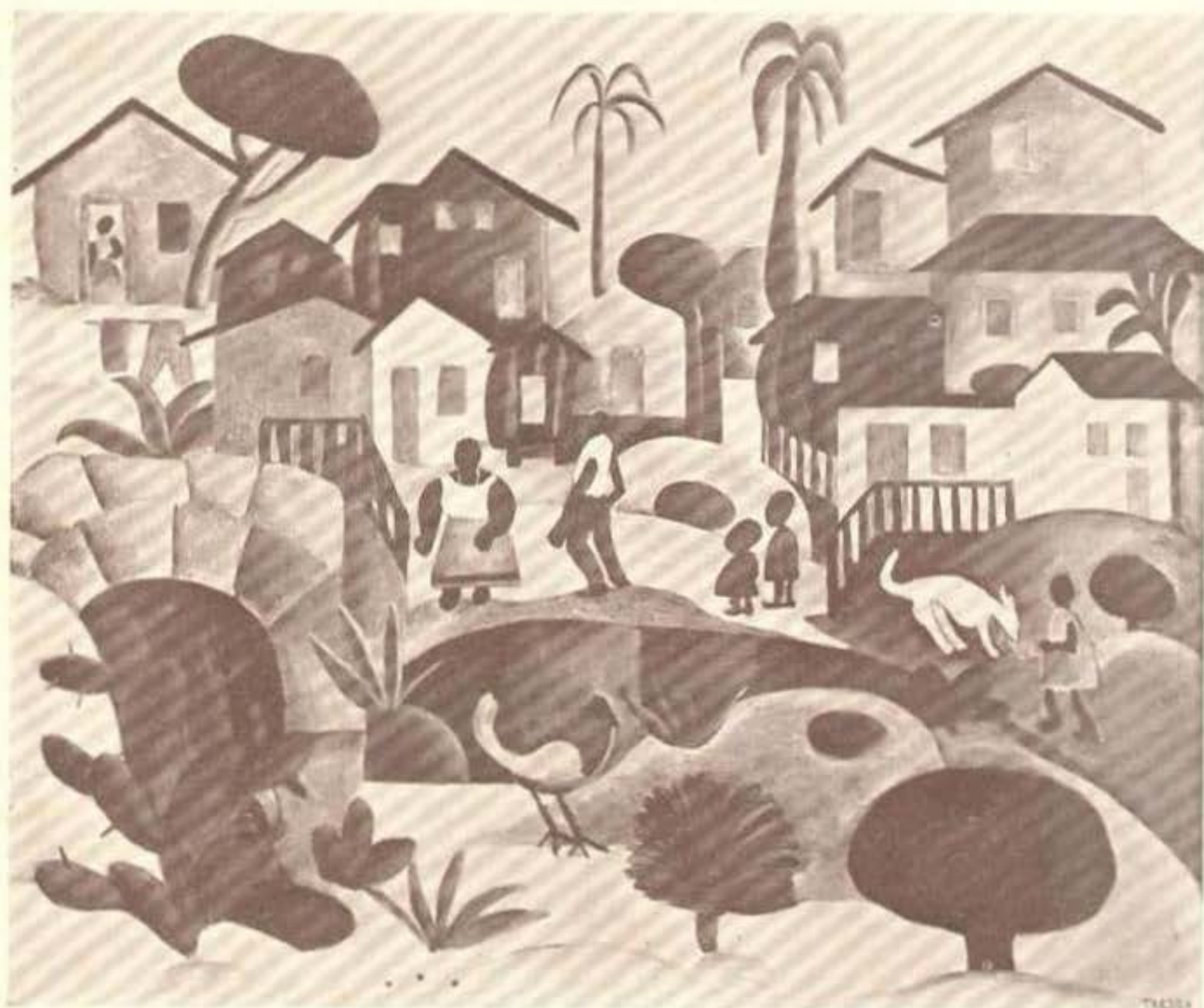
Inspirar um livro, isto é, ser um motivo literario, eis o que eu trocaria, de bom grado, por todos os livros que viesse a escrever. Porque me sinta incapaz de realizar uma obra? Não, mas porque preferiria fazer literatura na vida, pela elegancia, pelo amôr ou pelo heroismo. E é tal o meu desejo de sobreviver por mim proprio, e não pela minha obra, que chego a invejar todos os que morrem em beleza. E para mim, morrer em beleza é morrer nôvo.

Eu escrevo só para defenir a mim proprio ou fazer compartilhar aos outros as impressões das minhas leituras. «Livro de um leitor» poderia eu chamar, de facto, á recolha destes artigos se a analogia entre os literatos e as cortezãs me não tivesse feito parafrazear o titulo de um livro celebre de Balzac. Mas se não fosse a associação de ideias que me sugeriu este titulo, «Esplendores e misérias da literatura», outro melhor o substituiria. Não seria «O regresso ao romantismo», titulo em que pensei por traduzir uma tendencia pessoal e que eu julgo ver desenhar-se no mundo. Seria «A descoberta da Europa». E foi, de facto, uma descoberta das ideias, ou seja da civilisação da Europa, que eu fui fazendo, semana a semana, nestes artigos.

Dahi derivam, mesmo, as suas incoerencias e as rectificações constantes do meu pensamento, solicitado pelas mais diversas influencias literarias, politicas e, até, religiosas. Isso devia-me obrigar a fazer aqui uma «mise au point» se não fosse preciso um volume para a «Historia de uma conversão» e um ensaio de psicologia politica, ou seja «O meu depoimento» no inquerito que a futura geração terá de fazer á geração a que pertenço. Literariamente, alguem fez já, por mim, essa sintese de mim proprio, ao referir-se ao meu néo-romantismo barrèsiano.

Barrès foi, alem do meu educador, quem melhor realizou aquela critica literária que eu chamarei de reversão pessoal e a que estes artigos se podem aparentar. Muito longiquamente, é claro, porque, feitos a correr e ao sabor das leituras, eu não poude, apezar de os destinar a volume, dar-lhes a tenção analitica e a serenidade necessarias a fazer dos autores estudados «intercesseurs» do meu Eu. Feitos com mais vagar e com mais disciplina, estes artigos poderiam ter sido o que foram para Barrès as meditações espirituais de «Un homme libre» sobre Benjamin Constant e Sainte-Beuve.

Mas deve dar-se a consagração do volume áquilo que se não soube ou não poude libertar do quotidiano? Não. O que se não soube ou não poude subtraír ao tempo, deve morrer com ele. E é por isso que eu não publicarei este livro.

José Osorio de Oliveira

Contemporanea
n.º 2, 3.ª Série

TARSILA DO AMARAL
"QUADRO"

Cantar d'Amigo

Mia léda
dona
fermosa
como a rosa
desabrochada no vergel
onde a abelha d'oiro
vae buscar o mel
e eu, o agro fel
em que me moiro.
Que bom seria o morrer
em vossa cuidança
na suave esperança
de jamais vos perder!

ANTONIO DE NAVARRO

D U E N D E

Sinto o presentir de mim
nos sentidos, lindos,
do silencio
—vindo, lindo,
para mim
no pressentimento, ali,
de mim.
Fingindo me finjo
lindo,
para mim, assim,
parecer mais lindo
e mentir muito
ao outro, sim, de mim...

ANTONIO DE NAVARRO

tem acudido o Brasil com o melhor de seu idealismo.

Vimos, no começo desta palestra, como d. João VI e d. Pedro não olhavam antipathicamente a autonomia do Brasil com tanto que o novo reino, ou o novo Imperio, se não desmembrassem da monarchia portugueza.

Por mais alto que nos fale o sentimento da Independencia, por mais endeusados que tenham sido os heroes que a implantaram, o programa politico de uma monarquia luso-america não esteve ausente do espirito dos proprios libertadores do Brasil.

IDEAIS DE JOSÉ BONIFACIO

Senão vejamos em José Bonifacio, no Patriarcha da Independencia:

Sabio de gabinete, e politico militante; naturalista e homem de estado; poeta e cortesão; pastor de povos e patriota exaltado, teve José Bonifacio, no eloquente dizer de Latino Coelho, todas as fortunas que lisongeam a ambição, todas as contradições com que se fortalece o desengano: a idolataria das multidões e a perseguição dos inimigos; o favor das corôas e a ingratidão dos potentados; a estatua e o exilio.

Intelligencia privilegiada, formada em Coimbra e alargada por não sabemos quantas universidades européas; homem de livros, que lêra no grande livro da vida; coração desinteressado, que tudo puzera ao serviço da Patria, ninguem suspeitará em José Bonifacio impatriotico lusitanismo, ninguem, como elle exerceu dominadora influencia no animo de d. Pedro e sobretudo no de d. Leopoldina.

E' que o Patriarcha personificava o equilibrio das idéas, sem exaltação, e o impulso patriotico sem cegueira. Naquelle grande e nobre coração brasilico se enflorava a velha lealdade dos filhos de Portugal.

E, no entanto, que é o que vemos? Quando no Brasil referve a idéa da Independencia, quebrando inteiramente os laços de união a Portugal, a ella se oppõe o patriarcha, partidario confesso da integridade e indivisibilidade do reino unido, Portugal e Brasil.

Quando em S. Paulo, patriotas exaltados depõem o capitão general João Carlos Augusto Oyenhausen, é José Bonifacio quem acalma o povo amotinado e repõe o governador, legitimo representante do dominio portuguez.

Longe de fomentar a revolução, annuiu apenas José Bonifacio a ella, para manter a ordem, e para que o governo retome o caminho da legalidade.

E' que ao genio do grande estadista não convinha a completa separação de Portugal e do Brasil.

Assim foi que, sendo vice-presidente de S. Paulo, em 9 de Outubro de 1821, deu instrucções aos deputados paulistas, que partiam para as côrtes de Lisboa, afim de que se esforçassem pela integridade e indivisibidade dos dois reinos, Portugal e Brasil.

O que parece ainda a historiadores radicaes, como a Assis Cintra, uma traição á Independencia Brasileira, não passou de sonho politico que os acontecimentos posteriores o forçaram a dissipar.

Vista sob este aspecto, a idéa dominadora de José Bonifacio se casa profundamente com a orientação de d. Pedro e de d. Leopoldina, o que mais uma vez explica as hesitações ostensivas do principe, e o trabalho latente do Washington brasileiro.

O grande sonho de José Bonifacio se dissipou, meus senhores, mas para reatar-se um seculo após na corrente, já hoje forte, dos que se batem pela confederação de Portugal e do Brasil, como meio seguro de affirmarmos o nosso dominio sobre o Atlantico, defendendo o nosso territorio e o nosso commercio, e retomando as aspirações gloriosas do passado.

Unidos assim os grilhões dispersos da fraternidade ibero-americana; interpretados a esta luz dos sucessos historicos que precederam e se seguiram á Independencia do Brasil, temos apontados os caminhos pelos quaes completaremos a sua obra.

Nem se diga que retrogradaremos historicamente, destruindo a mesma Independencia que tanto encarecemos, pois as duas situações historicas divergem.

O Brasil em 1822 era apenas Reino, sem a autonomia, a que aspirava, com a maior legitimidade. Portugal não aprendera ainda o perigo do seu systema de colonisação, e não fora beber á Inglaterra o programma de transigencias, que recebeu o nome de «self-governement». E a previdente Gran-Bretanha, apressando-se em reconhecer-nos a Independencia, não visou outra mira senão enfraquecer o Imperio Colonial Portuguez, unico capaz de projectar sombras escuras sobre o Imperio Colonial Britanico.

A ACÇÃO DA INGLATERRA

Estudamos, os Brasileiros, a historia da nossa Independencia, tomados de sentimentos patrioticos, e as emoções do grande acontecimento nos não consentem reflectir com calma.

Ponderemos, entretanto, que a Inglaterra se professava secular amiga de Portugal, e que a intervenção de Canning, se ostensivamente consultava os interesses de uma conciliação, na realidade mais attendia aos pontos de vista britanicos.

Senão vejamos. Reunidos em Londres, Canning, como representante da Inglaterra, Neumann, da Austria, o conde de Villa Real, de Portugal, Brant, Pontes e Gameiro, do Brasil, propõe afinal Canning, na quinta conferencia, a separação total do Brasil e de Portugal.

O representante portuguez se não conforma. Canning se finge offendido, sob o pretexto de ter Portugal enviado copia de seu projecto aos gabinetes da França, da Russia, da Prussia e da Hespanha, e de haver dirigido á Europa uma especie de appello relativamente á sua contenda com o Brasil; e pouco depois annuncia a d. João VI que ia reconher as republicas hispano-americanas, e «não podia exceptuar o Brasil, já reconhecido pelos Estados Unidos».

Onde fôra buscar Canning a identidade de motivos para generalisar a independencia das nações hispano-americanas tambem ao Brasil, é ponto para nós muito insoluvel, se quizermos consultar a amizade anglo-lusa, mas clarissimo se o virmos á luz do proposito de quebrar o Imperio Colonial Portuguez.

Sentia neste momento Canning que d. João VI lhe percebia os movimentos, e por isso lhe fez anunciar que, se Portugal não acceitasse o conselho, que lhe dava, de incumbir a sir Charles Stuart de negociar com d. Pedro, a Inglaterra abandonaria o governo lusitano em sua carreira desastrosa, e reconheceria, sem mais, a Independencia e o Imperio do Brasil.

Por mais que tal conducta nos favorecesse, não podemos desconhecer nella uma intromissão afrontosa a Portugal, em negocios de sua politica

interna, e ainda o claro proposito de quebrar o Imperio Colonial Portuguez, ao mesmo tempo que se esphacelava o Imperio Colonial Hespanhol.

A LIÇÃO DE CANNING

Sejamos reconhecidos a Canning pelos resultados que a sua acção diplomatica trouxe á causa de nossa Independencia; mas aprendamos em sua mesma lição os perigos que nos ameaçam. E agora, passados cem annos sobre aquelles factos retomemos o fio da politica que se quiz quebrar, e erijamos, não um Imperio, mas uma Confederação das duas republicas, irmans como os povos que as geraram, e que affirmem, no presente e no futuro, as aspirações de grandeza da raça e da lingua portugueza. Que o panlusitanismo, se contraponha, como uma barreira de trabalho, de justiça e de poderio mercantil e militar, a quaesquer pretensões de outros povos, que nos pretendam supprimir da face da terra. Porque a grande verdade darwinica se mostra em toda a sua hediondez, na vida politica dos povos: os fracos perecem e os fortes, somente, triumpham.

Não nos esqueçamos que a geographia e a historia, a politica e a anthrologia, nos estão a ensinar que o grande sonho de José Bonifacio não era um vão devaneio — mas a expressão consciente de uma grande aspiração, de dois povos, que é, ao mesmo tempo, o maior programma politico das nações que falam a lingua portugueza.

Ou, possamol-a ver de novo, falada em todos os mares, permutando os productos riquissimos do solo lusitano e brasileiro; chorando com Camões e Bilac, com Guerra Junqueiro e Castro Alves todas as dôres da patria commum e todos os anceios do coração fraterno; e possam as duas bandeiras lusa e brasilica ondear sempre ovantes em prol da paz, em prol do direito, em prol da raça indomavel que symbolisam, e cujo passado de glorias a não entorpece, antes a estimula e a sopésa para mais altas realisações e para glorias mais fulgidas.

LISBON REVISITED

(1926)

Nada me prende a nada.
Quero cincoenta coisas ao mesmo tempo.
Anceio com uma angustia de fome de carne
O que não sei que seja —
Definidamente pelo indefinido...
Durmo irrequieto, e vivo num sonhar irrequieto
De quem dorme irrequieto, metade a sonhar.

Fecharam-me todas as portas abstractas e necessarias.
Correram cortinas de todas as hypoteses que eu poderia ver da rua.
Não ha na travessa achada o numero da porta que me deram,

Accordei para a mesma vida para que tinha adormecido.
Até os meus exercitos sonhados sofreram derrota.
Até os meus sonhos se sentiram falsos ao serem sonhados.
Até a vida só desejada me farta — até essa vida...

Comprehendo a intervallos desconnexos;
Escrevo por lapsos de cansaço;
E um tedio que é até do tedio arroja-me á praia.

Não sei que destino ou futuro compete á minha angustia sem leme;
Não sei que ilhas do Sul impossivel aguardam-me naufrago;
Ou que palmares de litteratura me darão ao menos um verso.

Não, não sei isto, nem outra cousa, nem cousa nenhuma...
E, no fundo do meu espirino, onde sonho o que sonhei,
Nos campos ultimos da alma, onde memóró sem causa
(E o passado é uma nevoa natnral de lagrimas falças),
Nas estradas e atalhos das florestas longiquas
Onde suppuz o meu ser,
Fogem desmantelados, ultimos restos
Da illusão final,
Os meus exercitos sonhados, derrotados sem ter sido,
As minhas cohortes por existir, esfaceladas em Deus.

Outra vez te revejo,
Cidade da minha infancia pavorosamente perdida...
Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui...
Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi, e aqui voltei,
E aqui tornei a voltar, e a voltar.
E aqui de novo tornei a voltar?
Ou somos, todos os Eu que estive aqui ou estiveram,
Uma série de contas-entes ligadas por um fio-memoria,
Uma série de sonhos de mim de alguem de fóra de mim?

Outra vez te revejo,
Com o coração mais longinquo, a alma menos minha.

Outra vez te revejo — Lisboa e Tejo e tudo —,
Transeunte inutil de ti e de mim,
Extrangeiro aqui como em toda a parte,
Casual na vida como na alma,
Phantasma a errar em salas de recordações,
Ao ruido dos ratos e das tabuas que ranguem
No castelo maldicto de ter que viver...

Outra vez te revejo,
Sombra que passa atravez de sombras, e brilha
Um momento a uma luz funebre desconhecida,
E entra na noite um rastro de barco se perde
Na agua que deixa de se ouvir...

Outra vez te revejo,
Mas, ai, a mim não me revejo!
Partiu-se o espenho magico em que me revia identico,
E em cada fragmento fatidico vejo só um bocado de mim —
Um bocado de ti e de mim!...

ALVARO DE CAMPOS

TARSILA DO AMARAL

Boulevard Berthier, 19. Extremo de Paris. Fortificações. Pintura que vai para a Guerra. Um atelier claro e simples, parêntesis de luz no dia negro e triste. Um almoço à brazileira, com pimentinha, pinga e caju. Blaise de Cendrars, «jongleur» de estrélas, vulcão de frases e de ideias... «La ruée vers l'or». Fernand Divoire o retratou: «Il y a perdu le bras droit: depuis il laisse flotter la manche. Il a agité cette manche vide au dessus des banquets litteraires avec des géstes de balais». Ao lado de Blaise Cendrars, Divoire, o autor de «Stratégie litteraire». Divoire, perfil sereno, ar de velha gravura: marfim e rima. Maurice Raynal o critico severo de «L'Intransigeant». Intransigente. Guerra sem quartel a todas as receitas. Jean Barreyre, o armador de «Le Navire Aveugle», livro que tem o peso dum destino. Léonce Rosenberg, «manager» *inteligente do cubismo. D. Olivia Penteado, Providencia dos novos de S. Paulo, com uma trincheira de vanguarda dentro de sua casa, «Nossa Senhora», na expressão respeitosa de Oswald de Andrade e de Tarsila. Oswald! Oswald, na sua vibração continua, na sua inteligencia trepidante, na sua inteligencia eléctrica, no tumulto das suas imagens, das suas palavras que atropelam como automoveis, é uma cidade, uma capital, um país. Ozwald é o Brasil, o Brasil que se multiplica, o Brasil enorme, o Brasil que chega até Paris. Junto de Ozwald,* Tarsila do Amaral, *a grande pintora Brasileira, o maior pintor Brasileiro!!!!!!!!! (os pontos de admiração servem de arame farpado. Preparo-me para a defesa. O meu grito—eu sei—é um grito de guerra).*

A cabeça de Tarsila foi a sua primeira obra. E' uma cabeça recortada, nitida de linhas definidas, «les cheveux tirés en arriére» Não ha indecisões nem artificios. Ha força, a força da beleza pura. Brancusi, o apostolo das linhas, gostaria de esculpir esta cabeça, esta cabeça cheia de certeza.

Diante de Cendrars, de Divoire, de Raynal, de Rosenberg, de Barreyre, de nós todos, os quadros de Tarsila, côr do Brasil. A arte de Tarsila é a bandeira do Brasil. «Ordem e Progresso». Ordem, muita ordem. Tudo nos seus lugares, tudo perfilado, numa atitude de parada militar. Faz se a chamada às árvores, aos moleques, aos comboios

que estacionam deante das gares com o seu ar de brinquedos recem-nascidos... Todas as coisas respondem: «Presente!» Tudo grita, tudo grita misteriosamente, sem se mexer... Um pouco de «imagerie d'Epinal» e um pouco de escultura em madeira. Manipanso e brinquedo. Á força de matière, *de acabamento, de recorte, as coisas, nos quadros de Tarsila, têm um relevo de aparição. Tarsila fará bem, na sua proxima exposição, de afixar, na sala, um cartaz com os seguintes dizeres: «E' proibido tocar nos objectos expostos». O desprêzo pela anecdóta e a paixão pela forma, pelo objecto, veem-lhe de Leger. («Le bel object sans autre intention que ce qu'il est»).*

Tarsila recebe influências, como todos, mas tritura-as, imediatamente, na sua personalidade. A pintura de Tarsila é de Tarsila e do Brasil. Como as avenidas de New York, os seus quadros não precisam de titulos. Podem figurar assim no catalogo: «Brasil n.º 1, Brasil n.º 2, Brasil n.º 3, etc, etc.. ». Tudo, tudo é Brasil: o Morro da Favela, a familia caboc!·, o negro adorando a pomba do Espirito Santo, a teoria dos anjos. Bandeira Amarela e verde .. Ordem e progresso... A ordem das coisas e das figuras em continencia, o progresso duma pintura nova, duma pintura reveladora universal e nacional... Como se está longe da pintura feminina e bela de Marie Laurencin, da pintura «le petit col blanc de ta robe est tout propre», pintura que eu adoro como se adora um galgo ou como se adora uma mulher. Marie Laurencin não tem patria: Marie Laurencin é de hoje. Tarsila é de hoje e é brasileira. Marie Laurencin tem individualidade. Tarsila do Amaral tem individualidade e tem raça.

Tarsila do Amaral inaugurou, ha pouco, em Paris, a sua exposição. Era facil de prever o acontecimento. Blaise de Cendrars, que não quer outra ilustradora para os seus livros, Jean Cocteau, Valery Larbaud, Rosenberg, Raynal e tantos outros, obrigaram a França a olhar para Tarsila. A França, por sua vez, obrigará o Brasil a consagrar esta gande pintora. Será, de resto, um gesto de gratidão. O Brasil, por obra e graça de Tarsila do Amaral, é um Vient-de-paraître, *um* vient-de-paraître *na rue de la Boétie.*

ANTONIO FERRO

n.º 2, 3.ª Série

ANTONIO DA COSTA
"MULHER COM UVAS"

ELEGIA

A la muerte de Clara dÉllebeuse

¡Que dulce y que serena, que risueña y fragante
la mañana en que Clara dÉllebeuse se mató!
¡Por un claro del bosque, desde el azul distante
el Pirineo agreste, el drama comtempló!

Iba Clara, vestido su traje de colegio,
negra y dorada sobre la alfombra del jardín...
¡El ruiseñor tejia, inconsciente su arpégio,
mas los jacintos blancos, presintieron su fin...!

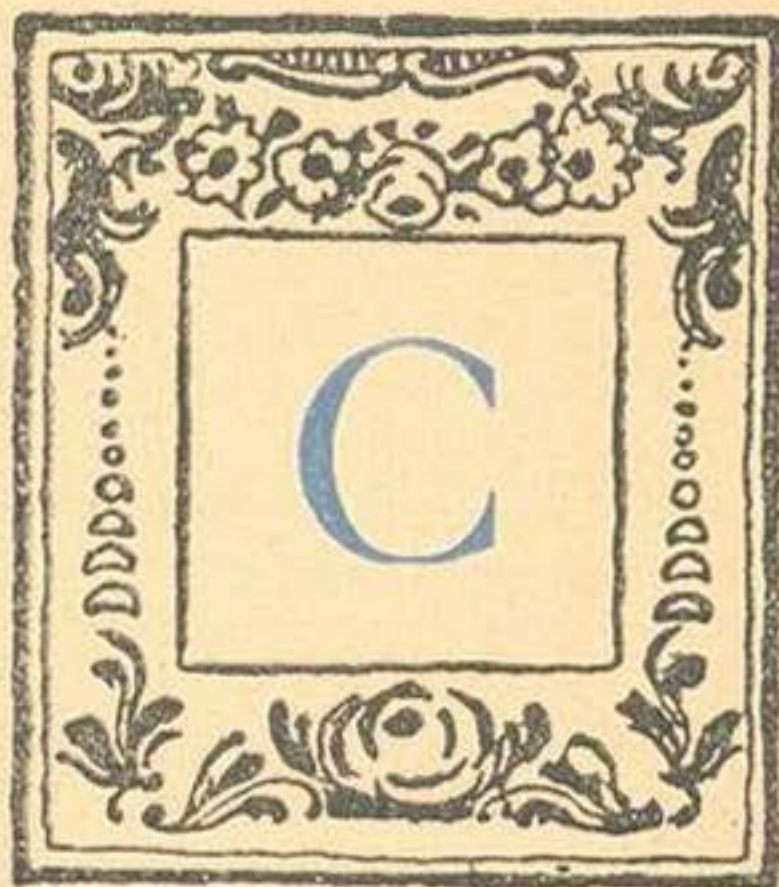
¡Oh, la gracia assustada de sus ojos de seda,
y la curva luciente del bucle de la sien!
¡Galope de recuerdos!... ¡Bancos de la alameda!
y ¡el eco tembloroso del buen Señor de "Antin"!

¡Y lúego el cementerio, las tumbas familiares,
y la piedra de Laura, la amante tropical,
y el liquidò terrible borrador de pesares
y la mano del Hado, vengadora y fatal!

En la mañana cándida se fué la primavera
de Clara dÈllebeuse... ¡No tiembles corazón!
¡Pura como la nieve del Pirineo cimera,
voló al cielo su alma, florida de emoción

Pero, díme ¡ oh Francis! que pusiste en su mano
el laúdano implacable, ¿por qué no perdonar?
¡Cortaste a tu heroina la fiesta del verano,
y a todos nos hiciste por ella sollozar!

MARQUÉS DE QUINTANAR
CONDE DE SANTIBAÑEZ DEL RIO

FRANCISCO SANCHES

onfrontando, pari-passu, o «Quod Nihil Scitur»[1] com o «Discours de la Méthode» vemos, com surpresa, que Descartes acompanha Sanches na mais absoluta concordância renovando apenas a filosofia do nosso compatriota com uma ou outra noção original em função de complemento circunstancial de tempo.

A sistematisação da obra é a mesma, o mesmo espírito doutrinário e até, muitas vezes, as mesmas frases!

O método de Francisco Sanches, padejador do dogmatismo poeirento da velha escola, é o método que deu a René Descartes o título de «fundador da filosofia racionalista moderna».

Esquecido ou mal estudado em Portugal, Sanches é o nosso pensador mais original e bem merece que o respeitem e o admirem como português notabilíssimo e não como espanhol, natural de Tuy, como se lê em várias enciclopédias ou na História da Filosofia Espanhola, de Bonilla y San Martin.

Considerado scéptico por quem se não deu ao trabalho de lê-lo, Sanches não pode ser companheiro de Montaigne, Charron ou Levayer, como pretende Weber [2].

Quando muito teria sido inicialmente scéptico como Sócrates ou Platão; o seu sistema não pode confundir-se com o scepticismo académico expresso nesta máxima: nada admitir senão a benefício de inventário.

E' certo que Sanches, para estabelecer uma doutrina scientifica do conhecimento, partiu dum criticismo semelhante ao scepticismo sensualista de Protágoras ou de Timon, fundadores do scepticismo empirista «tipo do moderno positivismo». Para êstes filósofos, porém, o scepticismo é negativista; o de Sanches é apenas provisório e leva ao positivismo: «*Não te prometo inteiramente a verdade... mas procurá-la-hei no entanto, até onde puder... Para achar a verdade teem os míseros humanos dois meios. Êsses meios são a experiência e o juizo*».

O scéptico Agrippa, mostrando o carácter de relativadade das nossas ideias e combatendo a insuficiência de todos os sistemas filosóficos, na dúvida se entreteve a negar, sistematicamente, sem construir.

Francisco Sanches não fez assim. Partiu do scepticismo, da dúvida metódica para firmar, com clareza, o critério scientífico moderno. Descartes completou, num ou noutro passo, o pensamento do filósofo português.

O método de que se serviu foi o mesmo e a semelhança das obras é evidente. Para prova servem êstes logares paralelos [3]:

«QUOD NIHIL SCITUR»
1.ª ed., LIÃO, 1581

«A poucos é dado o saber...

«Para mim não abriu a fortuna excepção. Desde o começo da minha vida que eu, dado à contemplação da Natureza, tudo prescrutava sem descanso...

«A princípio o meu espírito, ávido de saber, contentava-se com qualquer alimento que se lhe oferecia; a breve trecho, porém, se lhe tornou impossivel digerir...

«*Voltei-me então para mim próprio* e, pondo tudo em dúvida como se até então nada se tivesse dito, comecei a examinar as proprias coisas: é esse o verdadeiro método de saber.

«...Não esperes de mim um estilo ataviado e polido...

«As belas frases convém aos retóricos, aos poetas, aos aulicos, aos namorados... para os quais o falar bem é um fim...

«DISCOURS DE LA MÉTHODE»
1. ed., LEYDE, 1637

«Pour moi, je n'ai jamais présumé que mon esprit fût en rien plus parfait que ceux du commun; même j'ai souvent souhaité d'avoir la pensée aussi prompte...

«. . Mais après que j'eus employé quelques années à étudier ainsi dans le grand livre du monde et à tâcher d'acquérir quelque expérience, je pris *un jour résolution d'étudier aussi en moi même* et d'employer toutes les forces de mon esprit à choisir les chemins que je devais suivre...

«... J'estimais fort l'Éloquence, et j'étais amoureux de la poésie; mais je pensais que l'une et l'autre étaient des dons de l'esprit, plutôt que des fruits de l'étude. Ceux qui ont le raisonnement le plus fort et qui digèrent le mieux leurs pensées... peuvent toujours le mieux persuader ce qu'ils proposent...

A ideia fundamental do sistema de Sanches, encontra-se assim reproduzida e desenvolvida na primeira e segunda parte do «Discours de la Méthode» com nobrecente fidelidade.

Na sua especulação crítica Sanches pretendeu fixar as relações entre o espírito e a matéria e, para resolver esta questão, indispensável se tornava conciliar a razão com a experiência. Êstes meios ficaram devidamente consignados por Sanches que os prefixou e constituiram o maior título de glória de Descartes.

O verdadeiro fundador da filosofia racionalista moderna não é René Descartes mas Francisco Sanches [4].

Luís de Castro Norton de Mattos

---

[1] Vid. meu art. publicado no n.º 1 (3.ª série) desta revista.

[2] Histoire de la Philosophie Européenne, Paris, 1914, pag. 251.

[3] Vid. Discours de la Méthode, texte et commentaire par E. GILSON, Paris, 1925.

[4] Para outro logar reservamos o desenvolvimento desta tese, *grosso modo*, esboçada.

Uma Carta Inédita de Mario de Sá-Carneiro em que se prova a sem razão dos que pretenderam diminuir as relações entre o Artista e a pessoa de seu Pai

Meu querido amigo

Paris, 19 novembro de 1915

Recebi hontem o seu postal que de todo o coração agradeço. Oxalá se realise a linda esperança que nele esboça. Que gloria: Você em Paris! Precisava tanto duma alma, tanto... E sei só de três: Você, o Pessoa e o Franco. Aqui — irrisão suprema, nunca lho disse até por vergonha — só posso falar ao Fernando da Camara!!! O F. da C. o tipo completo da "aurea mediocridade" — isto é: do patife, do grande patife, chiça: embora homem sensato e, publicamente, sem uma mancha...

Agora tambem estou ás vezes com o Jorge Fernandes. E' um pobre diabo, mas bom rapaz — ao menos... Você pode bem avaliar a temivel solidão do meu espirito e a ansia dourada com que o abraçaria, meu querido José Pacheco! Ah! que desejo de ter ao meu lado alguem que fale a minha lingua... Faça o impossivel, meu amigo — por mim, pelo Franco e por você!! Que sonho podermo-nos juntar aqui os três! Mas tenho sempre tão pouca sorte, correm-me até neste momento as coisas tão mal, tão mal que não creio que me possa suceder tão grande felicidade.

Isto não são declarações de amor — mas tenho tanta necessidade de lhe dizer, tanta: — Meu querido José Pacheco, como gosto de si!

E' o mesmo que nas minhas cartas, infantilmente, eu digo ao meu Pai — **porque o meu Pai é outra "criatura adoravel"** outra criatura "como vocês". E esta frase tosca de "criatura adoravel" é na verdade aquela que melhor significa o que eu quero exprimir.

Perdoe-me tudo isto — mas ando tão triste, tão desolado. Que vontade imensa de chorar! Não julgue que isto é literatura ou pessimismo barato. E' assim tal e qual.

Mas não quero importuna-lo mais com as minhas máguas. Perdoe-me — repito — este desabafo. E' uma ilusão de estar na sua querida companhia...

— A Georgette foi ontem procurar-me. Não me encontrando deixou dito que voltaria hoje. Assim aconteceu. Contou-me que recebera uma carta do meu amigo dizendo-lhe que o Franco estava já no meu hotel — e vinha dizer-lhe "bon jour". Perguntou-me o que sabia do Franco. Eu disse-lhe o que sei e é só o que já communiquei ao meu amigo: que ele me escreveu ha 12 dias dizendo que devia vir em licença por todo este mês. Falei largamente com a rapariga que achei deveras interessante na sua conversa — falamos de literatura. Mostrei-lhe os meus livros e o "Orfeu" fazendo ressaltar as suas capas da Dispersão, Ceu em Fôgo e Orfeu que ela achou muito belas ainda que muito, muito estranhas. Emfim passei hora e meia muito agradavel. Ela disse-me que lhe ia escrever amanhã.

— Uma prova de que o C. Ferreira é bom rapaz: sabendo da existencia do Franco, por eu lhe ter falado nêle, foi ter com o Xavier de Carvalho por este estar encarregado de distribuir fundos de festas e donativos que tem em seu poder, para os voluntarios portugueses. Assim o Franco receberá uns milreis quando vier a Paris — o que não aconteceria se não fosse o cuidado expontaneo de C. Ferreira pois o X. de Carvalho ignorava por completo — como toda a gente — a existencia dum voluntario português Carlos Franco.

— E' tudo quanto por hoje lhe tenho a dizer, meu amigo. Suplicava-lhe encarecidamente, como um Desejo inestimavel, que o mais breve possivel me acusasse a recepção desta carta. Faça um esforço — um simples postal. Faz-me tão bem receber noticias suas! Tenha dó de mim! Estar em Paris, por glorioso que seja, é apenas uma compensação para a minha tristeza.

Um grande abraço com toda a minha alma.

O seu, seu

Mario de Sá-Carneiro

INFANTE

V

Senhor! Sou bem do meu sec'lo e teu filho!
Sei lá dos erros, — c'mo as uvas p'las vinhas . . .
Sei, que as dores que canto são as minhas;
— que ha rosas p'los caminhos que não trilho.

Louvo a vida, Senhor! Melhor não tinhas
filho do teu orgulho, que partilho
na fome de Beleza, a que me humilho;
no travo de alegrias, que são minhas.

Rico de enganos, preso em meus escolhos,
no silencio dos dias sem perfume
ganho bem a alegria dos meus olhos!

Reflori, sonhos meus! na dura lida!
Façamos com a dôr, sem um queixume,
as guirlandas formosas desta vida!

LUÍS DE MONTALVOR

NOTA — O soneto intitulado «Infante», com o numero V, aqui publicado, faz parte de uma serie de 10 sonetos intitulados «Infante», dos quaes a «Contemporanea» já publicou os quatro primeiros.

JULHO

Pequena
Morena
Juro que a tua carne é loira ao sol
E o sol parece que estoira
No ceu azul...

Areias d'oiro
A praia é grande
Nela se expande
Uma luxuria venenosa, estival
Respira
Transpira
A carne virgem ao sol
Sou antropofago em vertigem
Quero morder... alem.
Sem rodeios
Dois seios
Que andam num vaivem.

Mez de Julho! Mez de Julho!
A carne é loira
O sol parece que estoira!

GIL VAZ

TARDE

A Antonio Alves Martins

Ardente, morna, a tarde que calcina,
como em quadrante a sombra que descora,
morre — baixo relevo que domina —
c'mo um sol que sobre saibros se demora.

Inunda a terra a vaga de ouro: fina
chuva de sonho. Paira, ao longe, e chora,
o olhar errado para o sol que se inclina
sobre as palmeiras que o deserto implora.

A um zodiaco de fogo a tarde abraza,
em terra de verão que o olhar esmalta.
— Stagnante plaino de ouro e rosas — vasa

nele a sombra, sem dôr, que em nós começa
e galga, sobe, monta, e vive e exalta.
E a noite, a grande noite, recomeça.

LUIS DE MONTALVOR

V i d a !

Scismo ás vezes nas vidas ignoradas
que existem pelo mundo, nessas vidas
sem tragedia nem farça — vis, sumidas,
banaes, de creaturas apagadas

Mulheres que não foram nunca amadas,
tristes — feias sem noivo, resequidas,
orfãs por indiferentes recolhidas,
raparigas doentes e isoladas,

Mães sem filhos, velhinhas, sem netos...
As que ignoram os beijos e es afétos;
vidas mortas sem penas nem prazêr

Das que ignoram os risos e o amôr...
— E scismo, revoltada, no horrôr
das vidas que se gastam sem vivêr!

MARIA FELIPPE DE VILHENA
1926

Um Preludio de Chopin

"DU SANG DE LA VOLUPTÉ ET DE LA MORT"

Morfinisa-me a alma... Insidiosa
entre em mim, raspa, irrita uma ferida
que existia no intimo escondida
a musica sombria e venenosa.

Não toques mais! Fico perdida, anciosa,
e quero qualquer coisa indefinida
que nem sei se é impulso alto de vida
se um desejo de morte dolorosa!

Mais não, por Deus! Já basta p'ra tormento
o veneno do proprio pensamento...
Somos tão pouco—e têmos dentro um mundo!

Vivem dentro de nós coisas tão estranhas,
obscuras, complicadas e tamanhas
que eu tenho medo, crê, de vêr-me o fundo...

CONTEMPORANEA

REVISTA MENSAL

JUNHO-1926

Director: JOSÉ PACHECO

Editor: GIL VAZ

CORRESPONDENTE NO BRASIL:
Madame Olívia Penteado

CORRESPONDENTE EM ESPANHA:
Conde de Santibañez del Rio

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
T. do Fala-Só, 24 — LISBOA

(Toda a colaboração é solicitada pela CONTEMPORANEA)

3.ª SÉRIE

N.º 2

SUMÁRIO

Composto e impresso na IMPRENSA LIBANIO DA SILVA
Travessa do Fala-Só, 24 — LISBOA